



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE OURINHOS**

MARIANE RAVAGIO CATELLI

**PARA ALÉM DO OLHAR: CARTOGRAFIA TÁTIL E TURISMO INCLUSIVO NAS
ESTÂNCIAS TURÍSTICAS DE BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ – SP**

**OURINHOS
2014**

MARIANE RAVAGIO CATELLI

**PARA ALÉM DO OLHAR: CARTOGRAFIA TÁTIL E TURISMO INCLUSIVO NAS
ESTÂNCIAS TURÍSTICAS DE BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ – SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Avaliação de TCC do Curso de Graduação em Geografia – Bacharelado, do Campus Experimental de Ourinhos – UNESP, como parte das exigências para o cumprimento da disciplina Trabalho de Graduação no 1º semestre letivo de 2014, sob orientação do Prof^a. Dr^a. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena.

**OURINHOS
2014**

A meu pai Humberto Catelli (*in memoriam*) por me ensinar a enxergar a beleza nas coisas
simples da vida;

A Giseli Aparecida Braz de Lima (*in memoriam*) pelo exemplo de garra e paixão pela
ciência.

AGRADECIMENTOS

Considero a mitologia e lendas de outros países fantásticas. Há um antigo mito chinês que diz que quando nascemos os Deuses amarram um fio vermelho em nosso tornozelo nos conectando a todas as pessoas que estamos destinadas a conhecer durante nossa vida. Vou tentar agradecer algumas pessoas importantes que eu tive a sorte de estar conectada por esse fio vermelho.

Em primeiro lugar, minha família. Minha mãe Adelina, meu pai Humberto, minha irmã Daniela e meu cunhado Eduardo. *Ohana* quer dizer família em havaiano e família quer dizer nunca mais abandonar ou esquecer. Obrigada por estarem presentes, de uma forma ou de outra, desde que bati as asas e fui alçar voos maiores em 2009. Vocês são e sempre serão minha base.

Claro que a minha família não acaba por ai, então obrigada Tio Alcides e Tia Silvana. Muitas vezes vocês fizeram o papel de pais quando os meus estavam ausentes. Gi, você é uma menina linda que tem um futuro incrível pela frente. Conte com a sua prima mais legal (sou eu mesmo) para o que você precisar.

Janete e Chiquinho. Mesmo vocês não querendo, vocês são ótimos pais postiços! Obrigada por estarem perto nos momentos difíceis.

Obrigada a todos os meus professores.

Em 2009 me mudei para a “terra do povo de coração de ouro”. Sair da casa dos pais, nova vida, novas oportunidades e novos amigos.

Manoel, no primeiro dia que eu prestei atenção em você, você só era um índio com apelido do meu desenho favorito, sem sobrelha e que apresentava seminário muito bem. Nunca imaginei que você seria muito mais que um irmão para mim. E, além disso, pura poesia, meu poeta favorito. Obrigada por sempre estar ao meu lado, por me apoiar, pelas conversas com Pepsi, por todos os sorvetes pagos, por estar presente mesmo agora que estamos fisicamente longe. “Já não sei andar só pelos caminhos, Porque já não posso andar só”. Cuide bem da nossa filha Jude. Amot.

Girl's parágrafo. Não que vocês sejam menos importantes do que a pessoa acima, é que ele tinha que me aguentar em casa e nós temos uma filha, ok? Amanda, sem você a faculdade não seria a mesma coisa, provavelmente eu teria esquecido de fazer metade das coisas... brincadeiras (ou não) a parte, você é uma pessoa com um coração incrível. Renata, você apareceu na nossa vida de uma maneira inusitada e com certeza foi para tornar as coisas mais especiais. Claudiane, obrigada por ter tornado a vida ourinhense mais animada e pelo companheirismo. Ana, você tornou a vida ourinhense mais animada ainda. Lariza, você é a geminiana mais incrível que eu conheci, obrigada pelas dicas de uma mulher mais sábia. Amo todas vocês.

Obrigada aos amigos que mesmo longe dividiam os momentos especiais. Fernanda, nossa amizade começou em 2011, mas parece que eu te conheço desde sempre. Sabe quando acontece aquela coisa que você tem que contar para alguém? Sim, é para você. Obrigada por tudo, irmãzinha. Gisele, amiga de conversas diárias e de confidências, que me entende quando todo mundo parece não entender. Boa sorte nessa nova fase da sua vida. Najharian, amiga desde a 1ª série, tanta coisa passamos juntas! Obrigada por tudo! Henrique, não vou te agradecer porque você não me agradeceu no seu TCC. Beijinhos. Mas ah, você está presente na minha vida desde o Ensino Médio e é muito bom voltar para a sua cidade e ter um unespiano (e historiador) para conversar. Então, obrigada!

Daniilo e Gustavo, vocês são pessoas muito especiais para mim! Saudades!

Rodrigo, o corintiano que... (não posso entrar em detalhes aqui)... Enfim, lá se vão dois anos de namoro, de amizade, de companheirismo. Você é uma pessoa muito especial e sei que ainda temos muita coisa para viver, aprender e crescer juntos (além de muitas cervejas e restaurantes japoneses para experimentar). Obrigada por estar presente nos momentos importantes e além de namorado, ser um grande amigo. Ao infinito e além! Amo você!

Barbara, eu amo você demais! Os eventos sem você jamais seriam a mesma coisa! Obrigada pela parceria, pelas estadias em São Paulo e por me acompanhar no trabalho de campo. Sinto sua falta!

Agradeço à Carla, que foi para Hogwarts aprender sobre a transfiguração, pois além de professora e orientadora deste trabalho, consegue se transfigurar em melhor amiga, irmã, mãe... Você é um exemplo de que dedicação e humildade na academia dão certo. As palavras nunca vão conseguir expressar minha gratidão por você. Obrigada, por tudo.

Um obrigado muito especial para Waldirene e Ari. Meu carinho e admiração (acadêmica e pessoal) por vocês são imensos. Obrigada por aceitarem ser banca deste trabalho.

Obrigada a todos os professores e funcionários da UNESP – Ourinhos. As passadas nas salas de cada um de vocês sempre foi parte do meu mundo acadêmico e sinto muita falta disso. Obrigada por proporcionar um ambiente agradável dentro da universidade e por sempre estarem dispostos a ajudar.

Agradeço a todas as pessoas que tive a oportunidade de conhecer no trabalho de campo nos museus de São Paulo. Foi uma experiência única e aprendi muito com vocês.

Obrigada a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro do projeto.

Agradeço às pessoas com deficiência que tive a oportunidade de conhecer durante o trabalho, especialmente ao Eduardo (meu brother), Ivan, Tiago, Fábio e Iara. Vocês são um exemplo de coragem e luta. Obrigada por acreditarem e confiarem no trabalho.

Obrigada ao Comandante Ferreira e toda a tripulação do Barco Xumbury, por nos darem a oportunidade de fazer o passeio essencial para esta pesquisa. Agradeço ao Tom que acompanhou o passeio e divulgou o trabalho na mídia.

Obrigada Janaina Nees Cescato pelo incentivo. Wilson Chagas, obrigada por tudo! Airton, obrigada pela amizade, gentileza e pela inestimável contribuição acadêmica para este trabalho e para o projeto de mestrado.

Finalmente, agradeço à 18ª turma de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina, em especial a Gisele, Michel e Sander. A pequena Londres é muito melhor com a presença de vocês... principalmente quando acaba a gasolina!

"In my life, I'll love you more". Obrigada a todos, de coração!

Banca Examinadora

Professora Doutora Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (Orientadora)

(assinatura do membro)

Professor Doutor Ari da Silva Fonseca Filho

(assinatura do membro)

Professora Mestra Waldirene Ribeiro do Carmo

(assinatura do membro)

Ourinhos, 18 de Junho de 2014.

RESUMO

Quando se trata do processo de inclusão, as pessoas com deficiência são relacionadas ao ambiente escolar ou ao mercado de trabalho. Logo, as barreiras ainda são existentes e graves quando consideramos o turismo e lazer dessas pessoas. A captação do espaço se dá primordialmente pela visão, pois é o sentido mais abrangente e sintético. Portanto, sentiu-se a necessidade de estudar como uma pessoa com deficiência visual entende o espaço turístico de uma cidade e se a Cartografia Tátil pode contribuir para uma comunicação mais eficiente, fazendo com que o turista entenda melhor o espaço turístico e assim se sinta mais motivado a viajar e conhecer novos lugares. Para isso, foi proposto os seguintes objetivos específicos: compreender as necessidades específicas de um turista com deficiência; conhecer a acessibilidade nas cidades onde se dá o estudo de caso; realizar visitas técnicas em locais que utilizam materiais táteis e manter contato com o poder público local e com as pessoas com deficiência para o desenvolvimento de ações sobre inclusão e acessibilidade. A pesquisa demonstrou que os mapas táteis comunicam as informações de forma eficiente e podem incentivar novas viagens.

Palavras Chave: turismo inclusivo, pessoas com deficiência visual, inclusão, acessibilidade.

ABSTRACT

When it comes to the process of inclusion, people with disabilities are related to the school environment or in the labor market. So, barriers still exist and are serious when we consider the leisure and tourism of these people. The perception of the space is given primarily by sight, because it is the most comprehensive and synthetic sense. Therefore, we felt the need to study how the visually impaired person understands the space of a tourist town and, more specifically, how the Tactile Mapping can contribute to a more efficient communication of touristic information, so the individual can understand better the tourist space and thus feel more motivated to travel and meet new places. To this end, we propose these specific objectives: understanding the specific needs of a tourist with disabilities; meet accessibility in cities where it gives the study; technical visits in places that use tactile materials and maintain contact with the local government and people with disabilities to develop actions on inclusion and accessibility. The research has shown that tactile maps communicate information efficiently and can encourage new trips.

Keywords: inclusive tourism, visually impaired people, inclusion, accessibility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O TURISMO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	11
1.1 O TURISMO NAS ESTÂNCIAS TURÍSTICAS DE BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ – SP	16
2. TURISMO E ACESSIBILIDADE	21
2.1 NORMAS DE ACESSIBILIDADE	23
2.1.1 Comunicação visual	24
2.1.2 Comunicação tátil	25
2.1.3 Comunicação sonora	27
2.2 DESENHO UNIVERSAL	27
2.3 BARREIRAS	31
2.4 COMPORTAMENTO PARA COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	31
3. ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM MUSEUS: ALGUNS EXEMPLOS	34
3.1 MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA	34
3.2 PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO	38
3.3 MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO (MAM)	46
3.4 MUSEU AFRO BRASIL	47
3.5 MUSEU DO FUTEBOL	51
3.6 MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR)	57
4. ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE TURISMO INCLUSIVO EM BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso surgiu de uma inquietude do primeiro ano da graduação: como uma pessoa com deficiência visual “enxerga” o mapa? Através de pesquisas individuais, houve a descoberta da Cartografia Tátil. Em abril de 2010, a nova professora contratada do Campus era doutora na área.

Durante as primeiras conversas, surgiram novas inquietações: por que a maioria desses mapas táteis está apenas na escola? Existem materiais desse tipo em atrativos turísticos? Se houvessem, a pessoa com deficiência visual conseguiria compreender melhor o espaço turístico que está inserida?

Através das leituras e construção de materiais juntamente com o Grupo de Cartografia Tátil (atual Inclúgeo) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Campus de Ourinhos foi criado um maior embasamento teórico e prático sobre o assunto. Com isso, houve a necessidade de participar de eventos científicos para conhecer pessoas que também estudavam a temática.

No início de 2012, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) financiou o projeto intitulado “A Cartografia Tátil como forma de incentivo ao turismo inclusivo nas estâncias turísticas de Barra Bonita e Igarçu do Tietê – SP” (2011/20772-2). O financiamento teve a duração de dois anos e foi fundamental para o desenvolvimento do projeto e para a participação de eventos científicos.

Juntamente com o desenvolvimento da pesquisa, a indispensabilidade de conhecer pessoas com deficiência, compreender seus desejos e necessidades específicas ficou em evidência. Por isso, ocorreu uma mudança de foco da elaboração dos materiais táteis para entender melhor o turismo para pessoas com deficiência.

Como toda pesquisa, existem pontos positivos e negativos. Um ponto negativo é a falta de comprometimento do poder público com a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade em geral, especialmente quando a questão tange aspectos relacionados ao turismo e lazer. Outro ponto negativo é a falta de preocupação acadêmica na área. Atualmente, encontramos poucas pesquisas, principalmente na área de humanas, que se preocupam com a temática.

Já conhecer as pessoas com deficiência e ter o reconhecimento delas pelo trabalho desenvolvido é gratificante. Conquistar e exigir direitos é uma luta diária, no qual é necessário persistência e união.

Além disso, a pesquisa foi uma das dez contempladas com o Prêmio Laureate Brasil de Jovens Empreendedores Sociais, fazendo com que acontecesse um reconhecimento nacional. Durante os encontros realizados com os vencedores, foi possível pensar o projeto de uma forma empreendedora, que beneficie as pessoas com deficiência.

No decorrer da pesquisa realizou-se: pesquisa bibliográfica, trabalho de campo em Barra Bonita e Igarçu do Tietê - SP, trabalho de campo em museus de São Paulo - SP e do Rio de Janeiro – RJ, reuniões com pessoas relacionadas ao poder público, entrevista com pessoas com e sem deficiência que lidavam com a inclusão, construção e aplicação de materiais. Essas atividades foram essenciais para o desenvolvimento do estudo.

A pesquisa bibliográfica abordou as seguintes áreas: turismo, turismo para pessoas com deficiência, acessibilidade, inclusão, Cartografia Tátil e demais assuntos relacionados. Durante os trabalhos de campo foram utilizados câmera fotográfica e caderno de campo para registro das informações. Todas as entrevistas e reuniões realizadas durante a pesquisa se organizaram de maneira semiestruturada.

Os materiais táteis, que foram produzidos a partir dos princípios da Cartografia Tátil, possuem relação com as cidades onde ocorreu a aplicação, que foi registrada através de fotografias, caderno de campo e gravações. A análise qualitativa contribuiu para melhorar os materiais, comprovando a eficiência deles para estimular o turismo para pessoas com deficiência.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as contribuições das representações gráficas táteis no turismo para pessoa com deficiência. Para isso, foram necessários os seguintes objetivos específicos: compreender as necessidades específicas de um turista com deficiência; conhecer a acessibilidade nas cidades onde se dá o estudo de caso; realizar visitas técnicas em locais que utilizam materiais táteis e manter contato com o poder público local e com as pessoas com deficiência para o desenvolvimento de ações sobre inclusão e acessibilidade.

1. O TURISMO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Este capítulo trata sobre o turismo e sua importância econômica e social para o país, com foco nas pessoas com deficiência. Por isso, foi necessário discutir o histórico vivido por essas pessoas até os dias atuais. Também há a apresentação das cidades onde se dá o estudo, a fim de mostrar o cenário atual do turismo nas cidades.

O turismo, além de possuir uma grande importância econômica para o país, faz com que a convivência entre pessoas, etnias e culturas diferentes seja possibilitada.

O turismo é uma das atividades econômicas que tem tido as maiores taxas mundiais de crescimento anual há várias décadas. Isto fez ampliar mercados antes inexplorados e atingir amplas camadas da população, devido às diferentes facilidades de acesso e meios de transportes, aumento de renda e ações promocionais. (BRASIL, 2009, p.9)

Existem diversas definições para designar o turismo e muito foi debatido sobre o assunto. De acordo com Aguirre *et. al.* (2003), nos anos 50 do século XX, o turismo era definido como a permanência mínima de 24 horas até um ano para qualquer lugar que não seja a residência habitual do viajante. Entretanto, a sociedade capitalista do final do século XX alterou a finalidade do turismo, que era o conhecimento genuíno de um determinado lugar e da sua gente, portanto para este trabalho optou-se pela definição de turismo como:

[...] o conjunto de atividades, originadas no movimento voluntário de pessoas, em forma temporária, fora da sua residência habitual, que, no lugar visitado, gastam recursos econômicos obtidos fora da mesma. Poderia ser sintetizado dizendo que o turismo é uma migração voluntária, temporária e condicionada economicamente (AGUIRRE *et al.*, 2003, p. 47).

Há uma diferença entre turistas e excursionistas, classificados de acordo com a estada mínima. Os excursionistas passam menos de 24 horas no local e retornam para a sua residência habitual, enquanto os turistas realizam pernoite. Para esta pesquisa, optou-se por utilizar o termo turista designando as duas classes.

O ato turístico depende do desejo individual, considerando os valores e as motivações que são únicos de cada um. Segundo Garde (1985), *apud* AGUIRRE *et al.* (2003), as motivações turísticas pode ser divididas em dois grupos: em função do desenvolvimento pessoal e dos impulsos sociais. As motivações turísticas em função do desenvolvimento pessoal são: as necessidades fisiológicas ou vitais; as necessidades de segurança – risco; as necessidades de estima e notoriedade e os desejos de autorrealização. Já as motivações turísticas em função de impulsos sociais são: impulso de

afiliação, impulso aquisitivo, desejos de emancipação, desejos de evasão e impulso de curiosidade.

Por volta dos anos 80, o turismo era visto como a solução para alguns países, como o Brasil, saírem do subdesenvolvimento. Porém, na atualidade, existem estudos sobre os impactos ambientais e culturais causados por essa atividade em determinadas áreas. Alguns exemplos: a poluição das praias devido ao aumento da ocupação descontrolada da orla, depredação de monumentos tombados pelo patrimônio histórico provocado pelo excesso de visitantes ou uso inadequado, etc.

O turismo é um objeto de estudo para a Geografia, além de ser um consumidor e organizador dos espaços. Essa ciência começou a se atentar para a importância das atividades turísticas e de seu planejamento nas décadas de 1980 e 1990 devido ao crescimento no setor. Atualmente é o setor que mais cresce no país, gerando empregos formais e informais. Segundo o Ministério do Turismo, 7,2 milhões de brasileiros são beneficiados com o setor. Entre 2007 e 2010, o número de turistas saltou de 155,9 milhões para 186 milhões, um crescimento de 20%. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, 2,7 milhões de trabalhadores formais atuam em segmentos característicos do Turismo.

Nesse sentido é preciso entender que o turismo é, incontestavelmente, um fenômeno político, social e cultural dos mais importantes das sociedades pós-modernas. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e de capacidades, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar espaços diversificados. (BEZZI, 1992, p. 82)

A crescente demanda no turismo fez com que pessoas, que antes não possuíam renda suficiente para usufruir dos serviços oferecidos pelo turismo, passassem a ter a oportunidade de fazer parte dos movimentos turísticos.

Entretanto, ainda nos dias atuais, diversos segmentos da população brasileira consomem produtos e/ou serviços inadequados. Um desses segmentos é o das pessoas com deficiência, que devido a seu histórico de exclusão, veem suas possibilidades limitadas por causa da falta de acessibilidade e a má qualidade na prestação de serviços.

O paradigma da inclusão social e a internacionalização do mercado turístico brasileiro fizeram com que houvesse um crescente fluxo de turistas com deficiência internacionais e nacionais, que estavam conscientes de seu direito ao lazer e ao turismo. Apesar disso, a exclusão da pessoa com deficiência ainda é uma realidade presente em nosso país.

Um dos maiores e mais notáveis desafios da sociedade brasileira contemporânea tem sido o enfrentamento das questões da desigualdade e da exclusão social em um cenário democrático, que

pressupõe a ampla participação do conjunto de atores sociais.
(BRASIL, 2006, p.5)

A sociedade atual vem discutindo a inclusão das pessoas com deficiência, de maneira que possam participar de todas as atividades e exercer seus direitos. Isso se aplica também às atividades turísticas, inclusive como uma forma de facilitar a socialização desse público. Para isso, adaptações e adequações são necessárias na estrutura física dos locais e em sua comunicação.

O autor brasileiro Sasaki (2006) é referência nacional nos estudos de inclusão e acessibilidade, pois faz um resgate histórico sobre as pessoas com deficiência e quais foram as transformações que ocorreram ao longo do tempo.

Segundo o autor, as pessoas com deficiência sempre foram marginalizadas ou excluídas por serem “diferentes”. O processo de exclusão social perdurou até o século XX e elas eram consideradas doentes e socialmente inúteis.

O atendimento a esse público era segregado, fazendo com que surgissem institutos especializados para cada deficiência. Já no final da década de 60, a sociedade começa a reconhecer que as pessoas com deficiência possuem uma capacidade, mesmo que reduzida em comparação com o que se considera como “normalidade”.

No processo de integração social, criou-se um mundo parecido, mas ainda separado. Percebeu-se que a integração social não era suficiente para acabar com a discriminação devido à inserção somente das pessoas que possuíam competência perante os padrões sociais vigentes.

Com o passar do tempo, as pessoas com deficiência requereram uma participação autônoma e efetiva da vida social, contudo, foi apenas na segunda metade da década de 80 nos países desenvolvidos e no início dos anos 90 nos países subdesenvolvidos que se deu início ao movimento de inclusão social.

No processo de inclusão, a sociedade se adapta para poder incluir pessoas com necessidades especiais e estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. Portanto, é um processo bilateral, onde em parceria se busca “[...] equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (SASSAKI, 2006, p. 40). A inclusão contribui para um novo tipo de sociedade, através de grandes e pequenas transformações nos ambientes físicos e principalmente na mentalidade das pessoas.

Quando se trata do processo de inclusão, as pessoas com deficiência são relacionadas ao ambiente escolar ou ao mercado de trabalho. Logo, as barreiras ainda são existentes e graves quando consideramos o lazer e o turismo dessas pessoas.

Existem quatro tipos de barreiras que impedem que a pessoa com deficiência possa usufruir do espaço em sua totalidade: urbanística, nas edificações, nos transportes e nas comunicações e informações. Porém, a barreira mais grave no Brasil, continua sendo a falta de conhecimento e o preconceito.

O lazer é um direito previsto na Constituição Federal. O turismo é uma forma de lazer, sendo este considerado mais amplo porque inclui atividades secundárias, como assistir televisão ou ler um livro. Estudos dos anos 80 indicam que o lazer e a recreação são importantes para a reabilitação e que podem ajudar em um melhor desempenho nas áreas da saúde, resistência física, motivação e autoimagem, essenciais para muitas pessoas com deficiência.

Segundo Linder (1983), *apud* AGUIRRE *et al.* (2003), existe cinco diferentes tempos: tempo de trabalho, tempo de trabalho pessoal, tempo dedicado ao consumo, tempo para a cultura e tempo inativo. Somos impulsionados a determinada atividade de lazer devido necessidades, desejos, valores e benefícios. Além disso, há a influência de modas e tendências.

Foi somente na década de 70 do século XX que começaram a surgir excursões turísticas organizadas para pessoas com deficiência (inicialmente às pessoas com cadeira de rodas), sendo grupos exclusivos de deficientes. A questão das viagens para as pessoas com deficiência só ganhou espaço a partir da década de 80.

Em 1983, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou na Universidade das Índias Ocidentais, na cidade de Cave Hill, Barbados, uma declaração que foi adotada unanimemente durante o Programa Regional de Capacitação de Líderes, da Organização Mundial de Pessoas com Deficiência (*Disabled Peoples' International – DPI*).

Os Países-membros devem garantir que as pessoas com deficiência tenham as mesmas oportunidades nas atividades recreativas que têm os outros cidadãos. Isto envolve a possibilidade de frequentar restaurantes, cinemas, teatros, bibliotecas, etc., assim como locais de lazer, estádios esportivos, hotéis, praias e outros lugares de recreação. Os Países-membros devem tomar a iniciativa removendo todos os obstáculos nesse sentido. As autoridades de turismo, agência de viagem, organizações voluntárias e outras envolvidas na organização de atividades recreativas ou oportunidades de viagens devem oferecer seus serviços a todos e não discriminar as pessoas com deficiência. Isto envolve, por exemplo, incorporar a informação sobre acessibilidade em suas informações regulares ao público (Organização das Nações Unidas, 1983, §134 *apud* SASSAKI, 2006, p. 96).

Em 1996, 4,1 milhões de canadenses, 45 milhões de estadunidenses e 40 milhões de europeus possuíam algum tipo de impedimento físico. De aproximadamente 89 milhões de pessoas, 60 milhões viajavam.

Devido o aumento do fluxo com turistas com deficiência (em cada 2,4 viajantes, há um com deficiência), os membros da Organização Mundial do Turismo (OMT) se reuniram no dia 1º de outubro de 1999, em Santiago, Chile, onde discutiram o Código Mundial de Ética no Turismo.

Para eles, o turismo deve ser “[...] acessível a todos no quadro do direito que qualquer pessoa tem de utilizar o seu tempo livre em lazer ou viagens, e no respeito pelas escolhas sociais de todos os povos” (OMT, 1999, p. 2). O mesmo documento diz que o turismo para pessoas com deficiência deve ser encorajado e facilitado.

No Brasil, a opressão contra as pessoas com deficiência se manifestava através da restrição de seus direitos civis. A partir do final da década de 70, surgiu o Movimento das Pessoas com Deficiência. A partir daí, elas começaram a serem protagonistas de suas lutas e agentes da sua história, com o lema “Nada sobre Nós sem Nós”, difundido internacionalmente.

Em 2001, o lançamento do “Guia São Paulo adaptada” pela editora “O Nome da Rosa” foi um marco no segmento por ser uma iniciativa inédita no país, incentivando as pessoas com deficiência os lugares acessíveis da cidade. Posteriormente, foi elaborado o “Guia Brasil para todos”¹. Este guia mostra roteiros acessíveis (hotéis, restaurantes, pontos turísticos, etc.) em dez capitais brasileiras.

Atualmente, o que mais dificulta a inclusão de pessoas com deficiência nas atividades turísticas é a qualidade na prestação de serviços e a acessibilidade ao meio físico. O ambiente físico refere-se a todos os elementos construídos que cercam o ser humano. Esses elementos foram desenhados por alguém. Portanto, se há barreiras para as pessoas com deficiência, elas foram feitas pelo homem. Isso ocorreu devido à falta de preocupação com estas pessoas no passado, como descrito anteriormente.

Segundo Aguirre *et al.* (2003), a deficiência só se torna um problema social porque diversos fatores, inatos ou adquiridos, fazem com que algumas pessoas vejam limitadas as suas possibilidades para viver de acordo com o padrão social e cultural vigente.

Nesse intuito, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) criou a Norma Brasileira (NBR) 9050, de 2004: acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos. Essa norma “estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade” (ABNT, 2004,

¹ Disponível no link <<http://www.brasilparatodos.com.br>>. Acesso em 10 mai. 2013.

p. 1), visando proporcionar à maioria das pessoas a utilização autônoma e segura do ambiente. Para que seja considerado acessível, a norma deve ser obedecida em todos os aspectos.

Define-se acessibilidade como:

[...] condição para a utilização com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2009, p. 18).

Segundo o Código Mundial de Ética do Turismo (1999), o turismo é um meio de desenvolvimento individual e coletivo, uma forma de autoeducação, tolerância mútua e aprendizagem e deve respeitar as diferenças, promover o direito dos homens, principalmente dos grupos mais vulneráveis: crianças, idosos, pessoas com deficiência, minorias étnicas e povos autóctones.

Através da colaboração entre o poder público, poder privado e universidade trabalhando em pró da inclusão, o turista com deficiência pode usufruir com mais independência, autonomia e dignidade dos espaços turísticos da cidade, contribuindo verdadeiramente para que a inclusão social aconteça.

1.1 O TURISMO NAS ESTÂNCIAS TURÍSTICAS DE BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ – SP

O estudo de caso deste trabalho se dá nas estâncias turísticas de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê, localizadas no centro-oeste do estado de São Paulo. Os bandeirantes foram responsáveis pelo nome da cidade de Barra Bonita, pois durante as viagens ancoravam seus barcos nas barras, onde podiam plantar e achar água apropriada para o consumo. Como a vegetação era muito densa e bela, diziam que aquela barra era bonita. A data de fundação da cidade é conflitante, portanto, oficializou-se o dia 19 de março de 1883 como sua fundação².

O aproveitamento do turismo em Barra Bonita deve-se ao prefeito municipal Clodoaldo Antonângelo (conhecido como Dr. Tatinho) que no início de seu primeiro mandato, em 1964, investiu na ideia de aproveitamento das margens do rio para atividades

² Informações retiradas do livro "(Barra Bonita 100 anos de história: de Salles Leme e Pompeu (1883) a Wady Mucare (1983)). Disponível em: <<http://barrabonita.sp.gov.br/?page=livro-100-anos-de-historia>>. Acesso em 10 jul. 2014

de lazer e turismo, que a princípio não foi levada a sério pela comunidade, pois o turismo ainda era considerado coisa da elite.

Barra Bonita começou a ficar famosa em todo o interior paulista devido às obras públicas que estavam sendo construídas e aos investimentos no setor turístico do Estado de São Paulo, fazendo com que se abrissem novas perspectivas de progresso para o município.

Então, em 1967, a cidade começou a fazer parte do roteiro turístico do Estado de São Paulo, o que aumentou o fluxo de visitantes na cidade. Em 14 de setembro de 1979, através da Lei Estadual Nº. 2109³, a cidade se tornou uma Estância Turística.

Já Igarapé do Tietê era um distrito de Barra Bonita e com o crescimento do povoado conseguiu sua autonomia em 1953, mas a instalação do município só veio ocorrer no dia 1º de janeiro de 1955. Igarapé significa canoa grande no tupi-guarani. A cidade, conhecida pelas suas belezas naturais, tornou-se uma Estância Turística no dia 13 de dezembro de 1994 através da lei Nº. 8980⁴.

O título de Estância Turística do Estado de São Paulo é dado para cidades que cumprem determinados pré-requisitos, como: condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos. Atualmente, as estâncias recebem recursos do DADE (Departamento de Apoio ao Desenvolvimento às Estâncias) para investimento em infraestrutura e promoção do turismo.

O potencial turístico das cidades foi formado pelos recursos paisagísticos e energéticos do Rio Tietê: pesca, passeios de barcos e lanchas, usina hidroelétrica, a eclusa (que foi a primeira eclusa da América Latina a ser explorada turisticamente), além de praças, jardins e a Ponte Campos Salles.

O Ministério do Turismo, criado em 2003, propôs a regionalização do turismo através da estruturação, ordenamento e diversificação da oferta turística nacional, fazendo com que a região adquira mais significância e identidade, agregando valor ao seu produto turístico. Por isso, cada região possui um produto turístico único.

Segundo Beni (2007, p. 156), *cluster* é definido como “o conjunto de atrativos com destacado diferencial turístico, concentrado num espaço geográfico delimitado, dotado de equipamentos e serviços de qualidade, eficiência coletiva, coesão social e política, articulação da cadeia produtiva e cultura”.

A fim de ilustrar o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços com fins turísticos, foi elaborado o *cluster* das cidades de Barra Bonita e Igarapé do Tietê:

³ Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=31565>>. Acesso em 10 jul. 2014

⁴ Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=12192>>. Acesso em 10 jul. 2014



Figura 01: Cluster das cidades de Barra Bonita e Igarçu do Tietê. Elaborado pela autora, 2013.

O transporte, hospedagem, atrações e alimentação estão interligados em uma viagem. Se um desses fatores não for satisfatório para o turista, a viagem pode ser comprometida.

Partindo desse pressuposto, foi elaborado um esquema do que é necessário para que o turista com deficiência faça uma viagem satisfatória. Eles possuem algumas necessidades específicas, detalhadas a seguir:



Figura 02: Cluster das cidades de Barra Bonita e Igarçu do Tietê para turistas com deficiência. Elaborado pela autora, 2013.

Todos os fatores relacionados à acessibilidade devem ser considerados, incluindo o treinamento dos guias acompanhantes e receptivos, além de atendentes, prestadores de serviços diretamente relacionados à atividade turística, entre outros. Muitas pessoas que trabalham com turismo possuem formação básica e ainda há poucos profissionais especializados para atender esse público, fazendo com que os serviços prestados sejam o principal problema das viagens dos turistas com deficiência.

Como dito anteriormente, o ato de viajar acontece a partir dos desejos individuais, com valores e motivação que são únicos de cada pessoa. Portanto, toda viagem passa pelos seguintes processos:

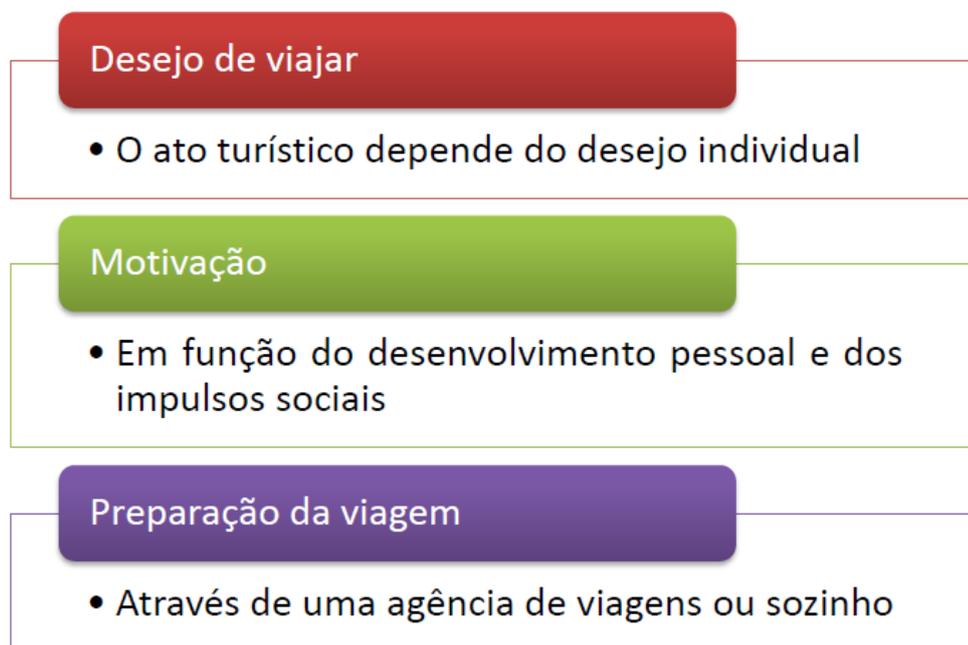


Figura 03: Etapas do processo de uma viagem. Elaborado pela autora, 2013.

Os turistas com deficiência levarão em consideração a acessibilidade ao meio físico e a qualidade na prestação dos serviços, baseados nos comentários de outros turistas e demais informações disponíveis. No Brasil, ainda existem poucas agências de viagens especializadas para pessoas com deficiência.

A infraestrutura dos equipamentos e os serviços de apoio (bancos, serviços de saúde, postos policiais, etc.) são essenciais para uma viagem. Em todos esses lugares, necessitamos de pessoas capacitadas para atender turistas com os diferentes tipos de deficiência.

Turismo é um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Neste processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a

escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. (BENI, 2007, p. 37).

Para o turista com deficiência, a acessibilidade é um fator importante no processo de decisão de uma viagem, portanto, os turistas darão preferência a destinos que estão mais adequados para as suas necessidades específicas. Por isso, as cidades mais acessíveis tem o potencial de receber um fluxo maior de turistas.

Estudar o turismo, o turismo inclusivo e os turistas com deficiência de forma geral é essencial para entender as necessidades específicas nas viagens desse público. Também foi necessário analisar a realidade do turismo nos dias atuais nas cidades que são o recorte espacial do estudo, verificando o que é necessário para bem receber os turistas com deficiências. O próximo capítulo irá tratar de algumas iniciativas e publicações na área de turismo inclusivo, abordando algumas normas de acessibilidade e como deve ser o comportamento para pessoas com deficiência.

2. TURISMO E ACESSIBILIDADE

Este capítulo aborda algumas publicações sobre turismo inclusivo e iniciativas nacionais e internacionais sobre a questão. Também pontua algumas normas de acessibilidade utilizadas para os diferentes tipos de deficiência e traz considerações sobre desenho universal, barreira e como se comportar com uma pessoa com deficiência.

O turismo acessível vem sendo tema recorrente em diversas publicações, inclusive do Governo Federal. Durante o Plano Nacional de Turismo (PNT) 2007 – 2010: “Uma viagem de Inclusão” ocorreu diversas publicações e eventos relacionados com a temática. Entretanto, muitas iniciativas de inclusão e acessibilidade são feitas para as pessoas com deficiência física. Ainda há poucas iniciativas para as deficiências sensoriais, principalmente para as pessoas com deficiência visual, que é considerada por muitos estudiosos a mais difícil de ser compreendida.

A publicação “Turismo acessível: uma introdução a uma viagem de inclusão” foi elaborada pelo Governo Federal como parte do PNT e é dividida em quatro cartilhas: verde, azul, laranja e vermelha. (BRASIL, 2009)

A cartilha verde ressalta que o turismo é um importante meio de desenvolvimento econômico do país e um grande indutor de inclusão social. Também introduz o turismo inclusivo, seus aspectos conceituais e marcos legais, trazendo as bases necessárias para o desenvolvimento do turismo inclusivo.

A azul fala sobre como pode ser feito o mapeamento, planejamento e acessibilidade dos destinos turísticos, além da elaboração do plano estratégico para o desenvolvimento do turismo acessível.

A cartilha vermelha trata sobre o bem atender no turismo acessível, dando orientações básicas de tratamento para cada deficiência. Atender bem este público é um fator essencial para a satisfação da viagem.

A laranja aborda o bem estar no turismo de aventura adaptada, trazendo exemplos de cidades, como Socorro – SP, que já realizam essa atividade.

Segundo Camisão (2006), a acessibilidade é hoje considerada como um quesito a mais na qualidade, que atende às necessidades de segurança e conforto das pessoas em geral. A consciência da importância da acessibilidade tem crescido de forma significativa na última década no Brasil, refletindo-se esse resultado na legislação, nas políticas públicas e nos costumes.

O livro “*Acessible tourism: concepts and issues*” (Turismo acessível: conceitos e questões - tradução nossa) possui um capítulo intitulado “*Blind People’s Tourism Experience: an exploratory study*” (Experiência Turística de pessoas com deficiência visual: um estudo exploratório - tradução nossa) dos autores Poria, Reichel, e Brandt. Neste

capítulo, eles argumentam que a pesquisa sobre as experiências turísticas de pessoas com deficiência visual é limitada, mas que as pesquisas na área do turismo acessível vêm crescendo. Entretanto, há poucas publicações que tratam das pessoas com deficiência visual, apesar do grande número de pessoas que possuem essa deficiência. Um fato importante destacado é que pessoas com deficiência visual normalmente viajam acompanhadas a outra pessoa, aumentando o fluxo de turistas.

A pesquisa aborda a questão das pessoas com deficiência visual nos aviões, restaurantes, hotéis e museus, falando também sobre o comportamento dos funcionários desses lugares. Ela foi realizada através de entrevistas com pessoas com deficiência visual de Israel. Foram 15 participantes, de ambos os sexos, que tinham entre 23 e 70 anos. Uma das principais reclamações deles é o atendimento das pessoas no setor turístico, que costumam superproteger as pessoas com deficiência, muitas vezes tratando-as como crianças.

A OMT (1999) diz que a facilitação de viagens turísticas é fundamental para qualquer política de desenvolvimento do turismo responsável e sustentável. Portanto, tornar as cidades acessíveis pode fazer com que haja o desenvolvimento do turismo local e um maior fluxo de turistas.

O crescimento da economia brasileira está dando oportunidade para que novos brasileiros consigam realizar o sonho de viajar e conhecer novos lugares. Também ajuda o desenvolvimento local, tanto economicamente como socialmente.

O programa “Bem Receber no Turismo Acessível” foi lançado durante o 6º Salão do Turismo – Roteiros do Brasil em 2011 e teve por finalidade qualificar profissionais das áreas de hospedagem, alimentação, transporte, receptivo, lazer e entretenimento. Foram oferecidas 3000 vagas em um curso à distância. O curso também contemplou pessoas com deficiência que estavam interessadas em atuar no mercado.

Na Rio +20, realizada em 2012, o turismo cultural inclusivo foi assunto no ciclo de palestras (na quarta-feira, 13 de junho), onde foram discutidos assuntos como a acessibilidade em museus, a implantação de Libras nos eventos e a acessibilidade em museus e sítios tombados pelo patrimônio histórico.

Durante o acompanhamento no blog “Turismo Adaptado”, escrito por Ricardo Shimosakai, percebe-se que os turistas falam sobre as cidades mais acessíveis do país. Eles dão exemplos de suas viagens em São Paulo, Bonito e Foz do Iguaçu. Como o blog é visitado por pessoas com deficiência, estas preferem ir para locais onde outros turistas com deficiência recomendaram.

Em junho de 2011 houve a oportunidade de participar de uma reunião durante o trabalho de campo realizado pelas disciplinas Geografia do Trabalho/Geografia do Turismo, com os integrantes da Secretaria de Turismo de Foz do Iguaçu. Eles disseram que estão

investindo muito em turismo inclusivo e o fluxo de turistas com deficiência aumentou consideravelmente.

A Estância Hidromineral de Socorro – SP investiu em acessibilidade como um diferencial turístico, Brasil já havia muitos destinos de ecoturismo no Brasil, de acordo com o site de turismo da cidade⁵. Portanto, a acessibilidade também tem o potencial de se tornar um diferencial para as cidades de Barra Bonita e Igarapu do Tietê, que atualmente recebem mais excursionistas do que turistas.

Segundo o blog Turismo Adaptado⁶, em Berna, na Suíça, são oferecidos passeios projetados para pessoas com deficiência visual. Esses passeios começam na estação rodoviária, onde os visitantes conhecem seu guia de turismo que lhes dá um pequeno mapa em relevo e braile. O profissional tem treinamento especial para colocar a tônica sobre cheiros, sons e sentidos da parte antiga da cidade.

A Europa possui uma premiação, a *Access City Award*, para reconhecer as cidades com mais de 50 mil habitantes que possuem iniciativas exemplares para promover a acessibilidade em seu espaço urbano. No prêmio de 2013, 99 de cidades de 20 países se inscreveram.

O prêmio é dado para a cidade que:

- a) demonstrou ter promovido à acessibilidade nos aspectos fundamentais na vida de uma cidade: nos prédios e espaços públicos; no transporte e na infraestrutura relacionada; na informação e na comunicação; nas instalações públicas e serviços;
- b) está comprometida a continuar a promover ações de acessibilidade de uma maneira sustentável.
- c) pode agir como uma cidade-modelo e encorajar a adoção de melhores práticas em outras cidades da Europa.

É possível observar que diversas iniciativas para a inclusão e acessibilidade estão sendo feitas em algumas cidades do Brasil e do mundo. Estas cidades estão se tornando exemplos para outras que começam a se preocupar com a questão.

2.1 NORMAS DE ACESSIBILIDADE

A comunicação é fundamental nos dias atuais, porém ela só tem sentido se for dirigida e acessível à todas as pessoas. As diferenças entre as formas de comunicação devem ser observadas com atenção, para que ela seja eficiente.

⁵ Disponível em: <<http://socorro.tur.br/>>. Acesso em 10 jul. 2014

⁶ Disponível em: <<http://turismoadaptado.wordpress.com/2012/12/19/berna-na-suica-oferece-passeios-projetados-para-cegos-e-deficientes-visuais/>>. Acesso em 10 jul. 2014

2.1.1 Comunicação visual

Para identificar visualmente se existe acessibilidade às edificações, espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, é necessário que haja o Símbolo Internacional de Acesso (SIA). O SIA é importante porque permite sinalizar se o espaço possibilita acesso para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

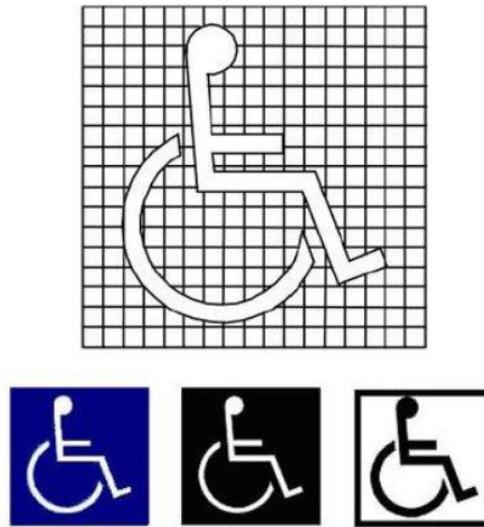


Figura 04: Símbolo Internacional de Acesso⁷

O SIA deve ser branco com fundo azul, branco com fundo preto ou preto com fundo branco, devido ao melhor contraste que estes proporcionam. Também existe, além do SIA, o Símbolo Internacional de Acesso para Pessoa com Deficiência Visual e o Símbolo Internacional de Acesso para Pessoa com Deficiência Auditiva.



Figura 05: Símbolo Internacional de Acesso para Pessoa com Deficiência Visual⁸

⁷ Disponível em: br-arquidesign.blogspot. Acesso em 8 set. 2013.

⁸ Disponível em: www.acessibilidadenapratica.com.br. Acesso em 8 set. 2013



Figura 06: Símbolo Internacional de Acesso para Pessoa com Deficiência Auditiva⁹

Estes símbolos devem possuir necessariamente: dimensões e localização adequadas à visualização e pictograma branco sobre fundo azul escuro, ou pictograma branco sobre fundo preto ou pictograma preto sobre fundo branco. Também devem estar acompanhados de símbolos dos diversos usos das edificações, como por exemplo, os sanitários. Informações complementares como textos e outras figuras devem apresentar boa legibilidade, contraste entre texto/figura e fundo e informações em braile.

A comunicação visual pode ser usufruída por pessoas com deficiência física, deficiência intelectual, deficiência auditiva e se feito de forma adequada, por pessoas com baixa-visão.

2.1.2 Comunicação tátil

A comunicação tátil é elaborada essencialmente para as pessoas com deficiência visual e se manifesta através do braile. As informações em braile devem estar junto com informações visuais, para incluir videntes e não videntes.

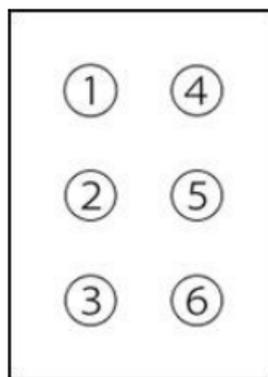


Figura 07: Cella Braile¹⁰

O braile é um sistema de leitura tátil inventado pelo francês Louis Braille em 1827. A cela braile forma um alfabeto convencional cujas letras são formadas através das

⁹ Disponível em: www.acessibilidadenapratica.com.br. Acesso em 8 set. 2013

¹⁰ Disponível em: www.tiresias.org. Acesso em 8 set. 2013

combinações dos pontos em relevo. É um sistema eficaz e amplamente utilizados pelos cegos nos dias atuais.

Figuras e textos em relevo podem auxiliar as pessoas que não foram alfabetizadas em braile. Quando se trata da pessoa com deficiência visual, recorrentemente as únicas iniciativas que são citadas são o braile e o piso tátil. Entretanto, a comunicação realizada através dos mapas, maquetes e representações gráficas táteis é fundamental.

Os mapas táteis devem estar adequados às pessoas com deficiência visual, porém, muitos deles são feitos sem um conhecimento cartográfico adequado. Eles devem ser elaborados após um estudo de quais variáveis serão utilizados na sua composição e qual o material mais adequado.

Para que os mapas táteis comuniquem de forma eficiente, algumas regras cartográficas devem ser obedecidas. O estudo de Vasconcellos (1991) foi o primeiro a sistematizar a Cartografia Tátil no Brasil e é referência até os dias atuais. Na figura 08, é possível observar as diferenças entre as variáveis gráficas que devem ser utilizadas na forma visual e tátil.

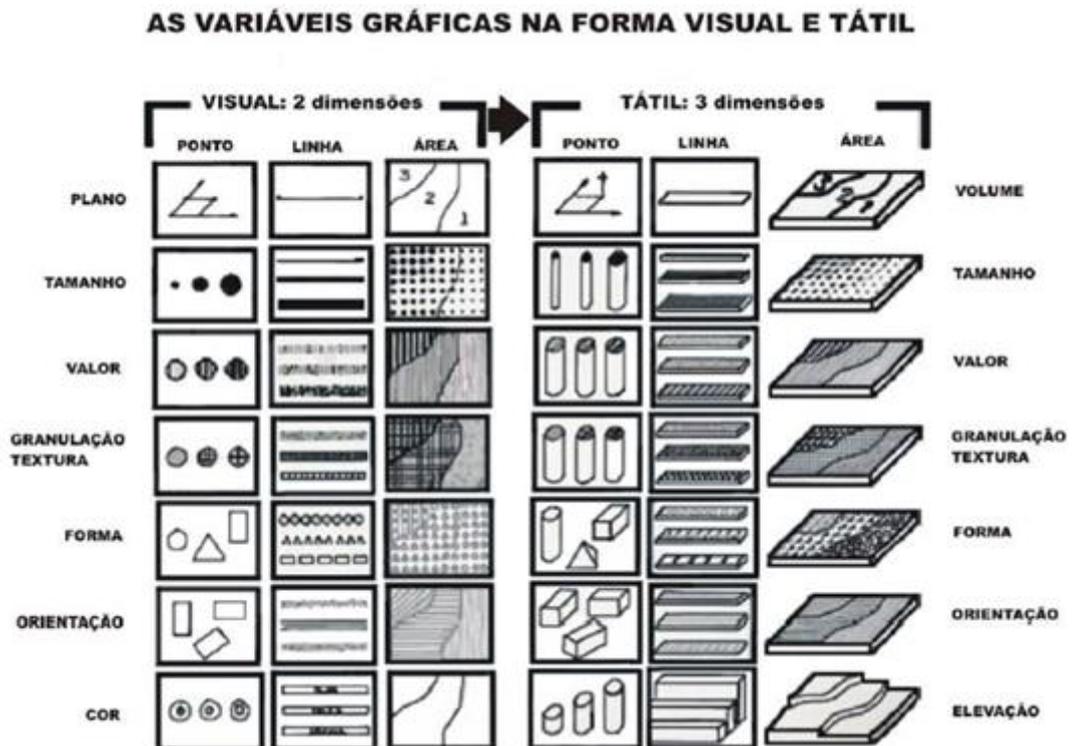


Figura 08: Variáveis visuais e táteis para a construção de representações gráficas táteis. (VASCONCELLOS, 1991 apud SENA, 2008, p.43).

Os pisos táteis também são utilizados pelas pessoas com deficiência visual. Eles podem ser de alerta ou direcional. A sinalização de alerta deve ser utilizada para identificar obstáculos suspensos, rampas, escadas fixas, degraus isolados, frente de elevadores,

desníveis, etc. Já a sinalização tátil direcional é utilizada como referência de deslocamento em locais amplos.

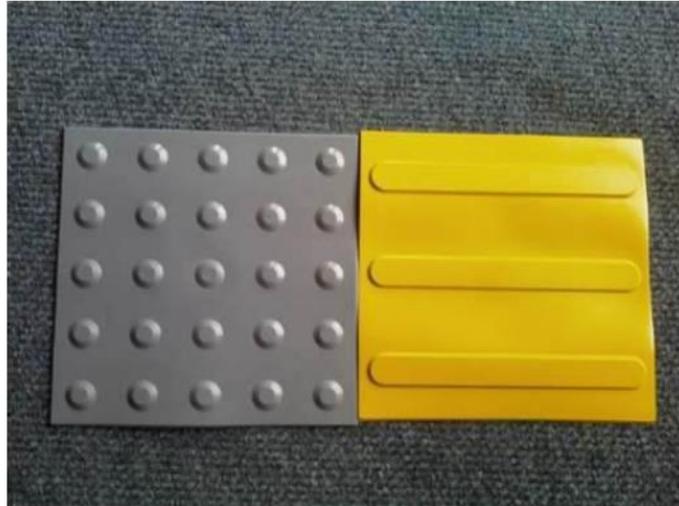


Figura 09: Piso tátil de alerta e direcional¹¹

2.1.3 Comunicação sonora

A sinalização sonora também é dirigida às pessoas com deficiência visual e deve estar associada com rotas de fuga ou saídas de emergência. As informações sonoras verbais podem ser digitalizadas ou sintetizadas, simples e de fácil compreensão.

2.2 DESENHO UNIVERSAL

O termo Desenho Universal foi criado em Washington – Estados Unidos em 1963. Inicialmente chamado como Desenho Livre de Barreiras, busca eliminar as barreiras arquitetônicas nos projetos de edificações, equipamentos e áreas urbanas.

Ele deve ser concebido como gerador de ambientes, serviços, programas e tecnologias acessíveis e utilizáveis que podem ser utilizados pelas pessoas de forma segura e autônoma na maior extensão possível, através de sete princípios: uso equiparável para pessoas com capacidades diferentes; uso flexível, simples e intuitivo; informação perceptível, comunicando eficazmente através da visão, audição, tato ou olfato; tolerante ao erro; com pouca exigência de esforço físico; tamanho e espaço para o uso de pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

A Lei 10.098/00¹², conhecida como Lei da Acessibilidade, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade através da remoção de barreiras e

¹¹ Disponível em: www.mercadolivre.com.br. Acesso em 8 set. 2013

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em 9 jul. 2014

obstáculos nas vias e espaços públicos, mobiliário urbano, construção, reforma de edifícios, meios de transporte e comunicação.

Ela aborda a acessibilidade nos seguintes aspectos:

- a) *Elementos da urbanização*: no planejamento, projeto e na urbanização de vias públicas, parques, praças, jardins e suas respectivas instalações de serviços e mobiliários urbanos; nesses locais, as instalações sanitárias devem obedecer à NBR 9050 da ABNT; os estacionamentos localizados em espaços públicos devem garantir vagas para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.
- b) *Desenho e localização do mobiliário urbano*: semáforos, postes de iluminação e outros elementos de sinalização vertical devem ser acessíveis e não obstruir a circulação; os semáforos devem dispor de mecanismos de guia e orientação para pessoas com deficiência visual.
- c) *Acessibilidade nos edifícios públicos ou de uso coletivo*: prever reserva de vagas para veículos que transportem pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida próxima a área de circulação de pedestres; um acesso no interior da edificação livre de barreiras; um itinerário acessível que interligue todas as dependências do edifício; no mínimo um banheiro acessível; locais de espetáculos e conferências devem reservar espaços para pessoas que usam cadeira de rodas e para pessoas com deficiência auditiva ou visual, é necessário reservar um espaço para o acompanhante; os estabelecimentos de ensino, de qualquer nível, devem garantir condições de acesso e uso a todos os espaços.
- d) *Acessibilidade nos edifícios de uso privado*: devem ter garantido que o percurso interior seja acessível e interligue as dependências do prédio a uma via pública; se o prédio possuir mais de um pavimento e não possuir elevador, deverão dispor de especificações técnicas para se tornar acessível; aos órgãos federais compete regulamentar um percentual mínimo de habitações de interesse social acessíveis.
- e) *Acessibilidade nos veículos de transporte coletivo*: o transporte terrestre (rodoviário, ferroviário e metroviário), aquaviário e aéreo deverão cumprir os requisitos de normas técnicas específicas.
- f) *Acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização*: o Poder Público deve estabelecer mecanismo e alternativas técnicas para tornar acessíveis os meios de comunicação e sinalização para pessoas com deficiência sensorial ou dificuldade de comunicação; o Poder Público deve implementar a formação de profissionais intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e adotar medidas técnicas que possibilitem o uso da linguagem de sinais e/ou outra subtítuloção.
- g) *Medidas destinadas à eliminação de barreiras*: o Programa Nacional de Acessibilidade é instituído no âmbito da Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

As disposições finais preveem orçamentos para adequar edifícios da Administração Pública Federal; orienta a promoção de campanhas para conscientizar e sensibilizar a população. A lei também se aplica a edifícios ou imóveis declarados bens de interesse cultural ou de valor histórico-artístico.

A legislação brasileira sobre acessibilidade e inclusão é considerada avançada, entretanto, ela não é cumprida e não há fiscalização. Muitos lugares que contam com o Símbolo Internacional de Acesso não são acessíveis ou possuem iniciativas equivocadas. Isso acontece porque as pessoas com deficiência ainda não participam plenamente das decisões, ações e iniciativas relacionados a elas devido a falta de comprometimento dessas políticas públicas.

Outro grande problema enfrentado no país é que muitos pensam que acessibilidade é apenas necessária para pessoas com deficiência física, esquecendo-se das pessoas deficiências sensoriais e intelectuais.

A figura 10 trata sobre os conceitos de acessibilidade. Nota-se que a acessibilidade vai além do ambiente físico, através da circulação, área de transferência, área de aproximação, alcance manual. Para que o ambiente seja acessível, também deve haver alcance auditivo, alcance visual, comunicação e sinalização (nas formas visual, tátil e sonora) e compreensão e percepção, abrangendo, assim, todas as deficiências.

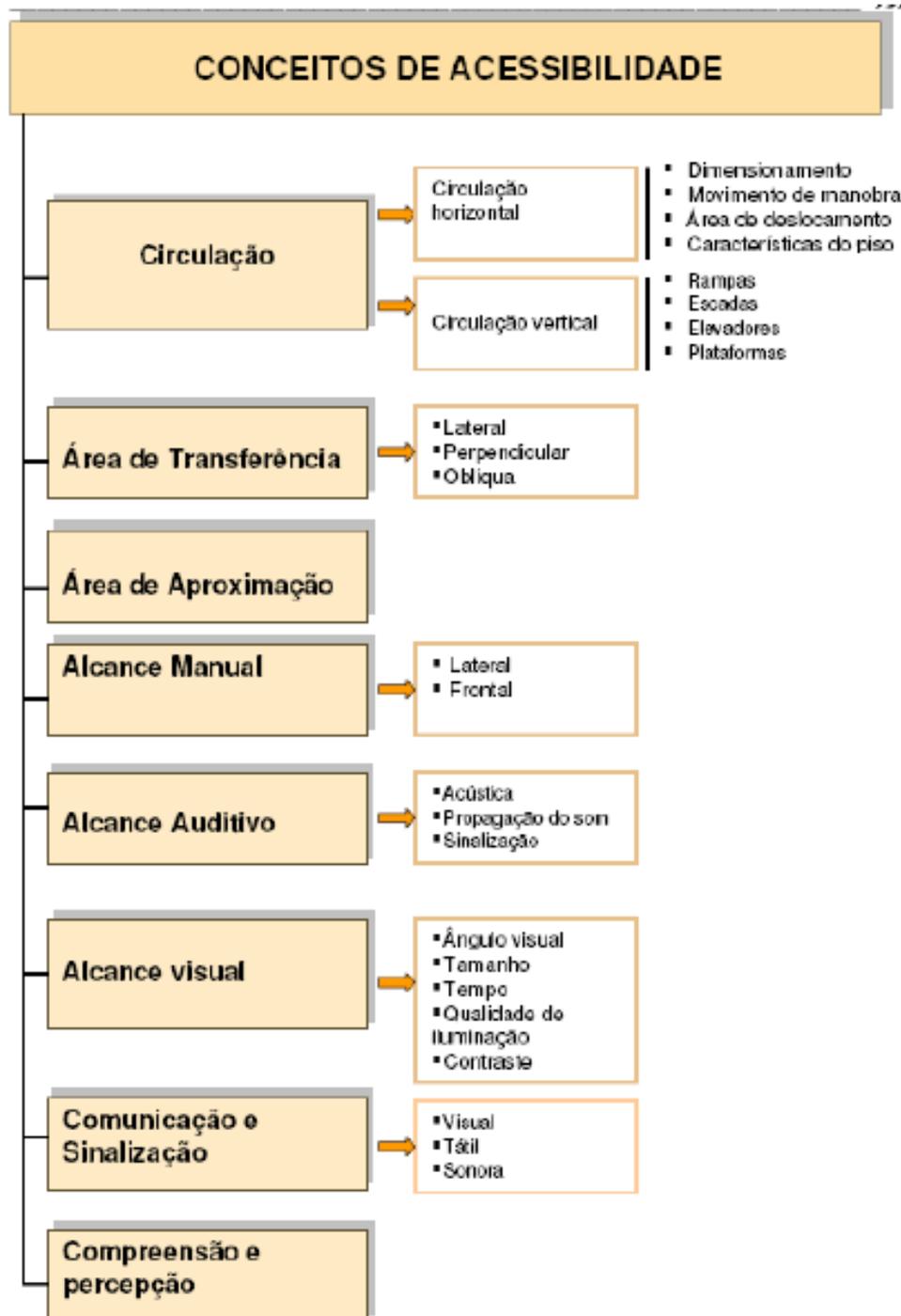


Figura 10: Conceitos de acessibilidade, segundo Lopes (2005) apud (SENA, 2008, p.64).

Apenas ao abranger todas as deficiências é que um ambiente pode ser considerado plenamente acessível. Dessa forma, todas as pessoas podem usufruir do ambiente de maneira autônoma e segura.

2.3 BARREIRAS

As barreiras são consideradas “[...] qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação” (Lei 10.098/00, 2000, p.1). De acordo com a lei, são divididas em:

- a) *Barreiras urbanísticas* – existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;
- b) *Barreiras nas edificações* – existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo e no entorno e nas áreas internas de uso comum nas edificações de uso privado multifamiliar;
- c) *Barreiras nos transportes*: existentes nos serviços de transportes;
- d) *Barreiras nas comunicações e informações* – qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação. (Decreto 5296/04 e Decreto 3298/99, Artigo 51);
- e) *Barreira arquitetônica* – qualquer elemento, natural, instalado ou edificado que impeça a acessibilidade de rota, espaço, mobiliário ou equipamento urbano (ABNT NBR 9050:2004).

A formulação, implementação e manutenção das ações de acessibilidade nos municípios é importante priorizar as necessidades que a cidade possui, além de garantir a programação e reserva de recursos para essas ações. O planejamento deve ocorrer de forma continuada e articulada entre os setores envolvidos.

Para efetivar as ações sobre a acessibilidade nos municípios, é necessário elaborar um plano diretor que trate sobre a questão, para assim garantir a qualidade e melhorias dessas ações, além da sua continuidade.

2.4 COMPORTAMENTO PARA COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Saber como se comportar com as pessoas com deficiência é essencial para esse grupo. Os turistas com deficiência argumentam que além da acessibilidade, o atendimento em hotéis, restaurantes, atrativos turísticos é essencial para a satisfação da viagem. O comportamento para com as pessoas é diferente, pois depende da sua deficiência:

- a) *Pessoa que usa cadeira de rodas*: não segurar e nem tocar na cadeira de rodas, pois esta é considerada uma extensão do corpo da pessoa; ofereça ajuda, mas não insista; não tenha receio de usar palavras como “caminhar” ou “correr”; prestar atenção nas barreiras arquitetônicas que possam existir em possíveis lugares de visitação, antes de convidar uma pessoa com deficiência física para sair; tentar se manter no mesmo nível do olhar da

pessoa; não estacione em vagas reservadas para pessoas com deficiência; se for ajudar uma pessoa com cadeira de rodas a descer uma escada ou uma rampa muito inclinada, dê preferência para a marcha à ré.

b) *Pessoa que usa muletas*: acompanhe o ritmo da pessoa; tome cuidados para que a pessoa não tropece, deixe a muleta sempre ao alcance de suas mãos.

c) *Pessoa com deficiência visual*: ofereça ajuda sempre que uma pessoa com deficiência visual parecer necessitá-la, mas não ajude sem a pessoa concordar; sempre pergunte antes de agir e se não souber em quê e como ajudar, peça explicações de como fazê-lo; para guiar uma pessoa com deficiência visual, peça para ela segurar em seu cotovelo ou em seu ombro e nunca a pegue pelo braço; se encontrar degraus, meio-fio e outros obstáculos, oriente-a; ao sair de uma sala, informe a pessoa com deficiência visual; não é necessário evitar palavras como “cego”, “olhar” ou “ver”; ao explicar direções, seja o mais claro e específico possível, não se esquecendo de explicar os obstáculos no caminho; se você não sabe como orientar a pessoa corretamente, diga que quer ajudar, mas gostaria de saber como descrever as coisas; ao guiar um cego para uma cadeira, direcione a mão dele para a cadeira, informando se ela tem braços ou não; trate-a com respeito; em um contato social ou em um trabalho, nunca exclua a pessoa com deficiência; se for uma pessoa com baixa-visão pergunte se pode ajudar sempre que a pessoa pareça estar precisando.

d) *Pessoa com deficiência auditiva*: fale claramente, distinguindo as palavras, porém não exagere; fale com velocidade normal, salvo quando for pedido para falar mais devagar; cuide para que a pessoa enxergue sua boca; fale com tom normal de voz, a não ser que lhe peçam para levantar a voz; não grite; seja expressivo, pois os surdos não entendem a mudança no tom de voz indicando sarcasmo ou seriedade, a maioria deles “lerá” suas expressões faciais, seus gestos ou os movimentos do seu corpo; para falar com uma pessoa surda, chame a atenção dela, com a mão ou tocando em seu braço; enquanto estiverem conversando, mantenha o contato visual senão o surdo pode pensar que a conversa terminou; se você tiver dificuldades para entender o que a pessoa surda está falando, peça para repetir o que ela falou, se você ainda assim não entender, peça para ela escrever; se a pessoa surda estiver acompanhada por intérprete, fale diretamente com a pessoa surda e não com o intérprete; ao planejar um encontro, lembre-se que avisos visuais são úteis para participantes surdos.

e) *Pessoa com paralisia cerebral*: muitas andam com dificuldade ou são cadeirantes e muitas apresentam gestos faciais incomuns. Geralmente elas são muito sensíveis, portanto não as trate bruscamente, adapte-se ao seu ritmo e aja de forma natural.

O capítulo apresentou algumas importantes publicações sobre turismo inclusivo e os locais que promovem diferentes ações para a inclusão do turista com deficiência. Também abordou as normas de acessibilidade em diferentes tipos de comunicação, o Desenho

Universal, a Lei de Acessibilidade, as barreiras e o comportamento para as pessoas com deficiência.

As informações desse capítulo são importantes para o próximo, que abordará as visitas técnicas realizadas em museus da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, analisando a acessibilidade desses locais para as pessoas com diferentes tipos de deficiência.

3. ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM MUSEUS: ALGUNS EXEMPLOS

O capítulo trata das visitas técnicas realizadas em 2013 em cinco museus da cidade de São Paulo e um museu da cidade do Rio de Janeiro para conhecer seu espaço físico e seus programas de acessibilidade e verificar se a Lei de Acessibilidade é cumprida em sua plenitude, abrangendo os diferentes tipos de deficiência.

Conhecer esses equipamentos culturais de grandes cidades foi importante porque, em geral, eles são acessíveis fisicamente e possuem programas específicos para pessoas com deficiência, realidade bem distante do Museu Histórico Municipal de Barra Bonita.

As visitas foram realizadas na cidade de São Paulo - SP nos dias 11, 12 e 13 de julho de 2013. Foram visitados os seguintes locais: Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Moderna, Museu Afro Brasil e Museu do Futebol. Para todos esses locais foi enviado um e-mail de contato para a realização de uma visita técnica acompanhada ou uma entrevista para conhecer melhor os programas de acessibilidade.

Esses museus foram escolhidos porque lidam com assuntos distintos e conseqüentemente abrangem diferentes públicos. Por isso, antes do trabalho de campo, foi elaborado um roteiro de pesquisa sobre qual seria a ordem dos museus visitados, com base em sua localização e proximidade. Também foi elaborado um formulário de perguntas semiestruturado para os museus em que haviam entrevistas marcadas.

Durante a visita técnica em todos os museus foi realizada observação sistemática, a fim de identificar as normas de acessibilidade apresentadas no capítulo anterior. O registro foi feito através de fotografias e anotações em um caderno de campo.

3.1 MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Museu da Língua Portuguesa é um museu interativo sobre a Língua Portuguesa e foi inaugurado em 2006. O objetivo do museu é criar um espaço vivido sobre o idioma do país, considerado a base da cultura nacional. Os visitantes podem ter uma ideia mais clara sobre as origens, história e evolução da língua.

Esta visita foi realizada no dia 11 de julho de 2013. O e-mail enviado para este museu não foi respondido, portanto foi realizada a visita técnica independente e as dúvidas foram esclarecidas pelos educadores.

Segundo o site do museu, pessoas com deficiência não pagam ingresso (estendido a mais um acompanhante) e as pessoas com deficiência física tem acesso preferencial a bilheteria. O acesso preferencial é garantido pela Lei Nº. 10048/00¹³ em qualquer

¹³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10048.htm>. Acesso em 11 jul. 2014

estabelecimento público e comercial e é estendido para idosos com idade igual ou superior a 60 anos, gestantes, lactantes e pessoas acompanhadas com criança de colo.

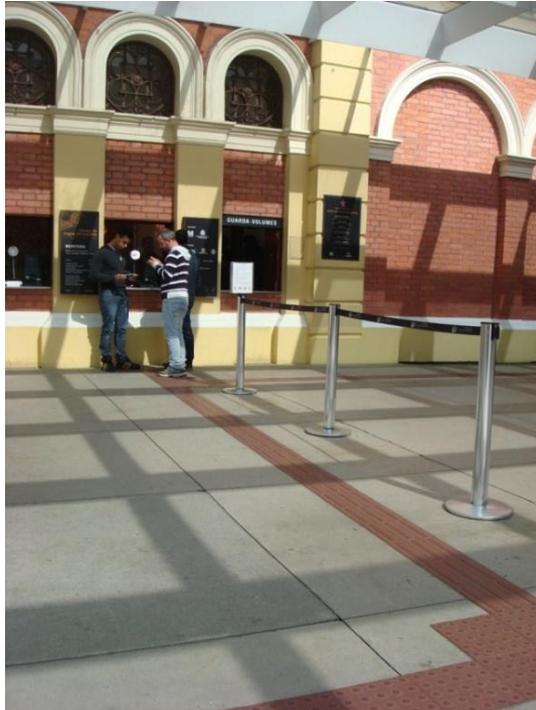


Figura 11: Bilheteria do Museu
Foto: CATELLI, 2013.

Na área externa do museu está sua bilheteria, onde é possível observar pisos táteis que ajudam na locomoção da pessoa com deficiência visual (figura 11). O piso segue até o acesso ao museu, onde há pisos de alerta nos degraus e desníveis (figura 12).



Figura 12: Acesso ao museu.
Foto: CATELLI, 2013.

Para as pessoas com deficiência física, o acesso é feito através de um elevador de uso exclusivo. Como é possível observar na figura 13, o elevador é pequeno e tem capacidade para uma pessoa.



Figura 13: Elevador para acesso do Museu da Língua Portuguesa
Foto: CATELLI, 2013.

Segundo o site do museu¹⁴, as instalações são divididas em:

- a) *Primeiro Andar*: A ala leste do primeiro andar comporta a sala destinada às exposições temporárias. Já a ala oeste, onde ficam a administração e o setor educativo do Museu, dispõe de sala de aula para 50 pessoas.
- b) *Segundo Andar*: dividido em: Grande Galeria - Tela de 106m de extensão com projeções simultâneas de filmes que mostram a Língua Portuguesa no cotidiano e na história de seus usuários; Palavras Cruzadas - Totens dedicados às influências das Línguas e dos povos que contribuíram para formar o Português falado no Brasil. Existe ainda um totem dedicado ao Português falado nos demais países lusófonos; Linha do Tempo - Uma linha com recursos interativos onde o visitante poderá conhecer melhor a história da Língua Portuguesa; Beco das Palavras - Sala com jogos etimológicos interativos que permitem ao visitante brincar com a criação de palavras, conhecendo suas origens e significados; História da Estação da Luz - Painéis que mostram um pouco da história do edifício sede da Estação da Luz e os trabalhos de restauração realizados antes da implantação do Museu da Língua Portuguesa; Mapa dos Falares - A partir de um grande mapa do Brasil, o visitante pode escolher uma localidade e apreciar (ver e ouvir) depoimentos de diversas pessoas,

¹⁴ Disponível em: <www.museulinguaportuguesa.com.br>.

verificando os diversos “falares” do brasileiro.

- *Terceiro Andar*: Auditório - Projeção de um filme de 10 minutos sobre as origens da Língua Portuguesa falada no Brasil; Praça da Língua - Espécie de “planetário da Língua”, composto por imagens projetadas e áudio, uma antologia da literatura criada em Língua Portuguesa, com curadoria de José Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski.

Os elevadores de acesso ao museu também são espaços expositivos, pois permitem uma visão total da escultura “Árvore de Palavras”, de 16m de altura. Nessa escultura o visitante encontra palavras de idiomas que contribuíram para a formação do português e do português falado no Brasil, palavras em português e a representação de objetos e animais. Além disso, no interior dos elevadores, os visitantes podem ouvir uma espécie de mantra, composto por Arnaldo Antunes, que repete as palavras “língua” e “palavra” em vários idiomas.



Figura 14: Entrada do elevador que dá acesso ao museu
Foto: CATELLI, 2013.

Como demonstrado na figura 15, o elevador conta com botões com os números dos andares em braile. Além disso, há informações sonoras e um funcionário.



Figura 15: Botões do elevador.
Foto: CATELLI, 2013.

O acesso físico ao museu acontece com plenitude. Entretanto, não havia nenhuma informação em Libras (Língua Brasileira de Sinais) ou braile. Dessa forma, as pessoas com deficiências sensoriais não conseguem usufruir do acervo do museu com plenitude, sendo necessário desenvolver práticas para a inclusão desse público.

3.2 PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Segundo as informações do site¹⁵, a Pinacoteca do Estado é um museu de artes visuais, com ênfase na produção brasileira do século XIX até a contemporaneidade, pertencente à Secretaria de Estado da Cultura. Fundada em 1905 pelo Governo do Estado de São Paulo, é o museu de arte mais antigo da cidade e está instalada no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios. O museu sofreu uma ampla reforma no final da década de 1990.

Realiza cerca de 30 exposições e recebe aproximadamente 500 mil visitantes a cada ano. O primeiro andar recebe as exposições temporárias e o segundo é dedicado à mostra permanente. A área central abriga o Projeto Octógono Arte Contemporânea e no térreo estão localizadas as áreas técnicas, o auditório e a cafeteria. Desde 2006 é administrada pela APAC – Associação Pinacoteca Arte e Cultura.

A Pinacoteca foi escolhida devido à proximidade com o Museu da Língua Portuguesa e por ter programas de acessibilidade, como mostra em seu site. Foi enviado um e-mail para

¹⁵ Disponível em: < <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/>>. Acesso em 11 jul. 2014

a Pinacoteca e não houve retorno. Por isso, a visita realizada em 11 de julho de 2013, foi independente e as dúvidas foram esclarecidas pelos educadores.

É importante ressaltar que em 2011 uma visita técnica foi realizada juntamente com o Grupo de Cartografia Tátil para conhecer o programa de acessibilidade do museu e foi realizado o passeio que é feito pelas pessoas com deficiência visual, com adaptações de algumas obras.

O acesso ao museu pelas pessoas com cadeira de rodas ou com dificuldades de locomoção é realizado por uma entrada alternativa. Quando a fotografia foi tirada (figura 16), não havia nenhum funcionário do museu nesta entrada.

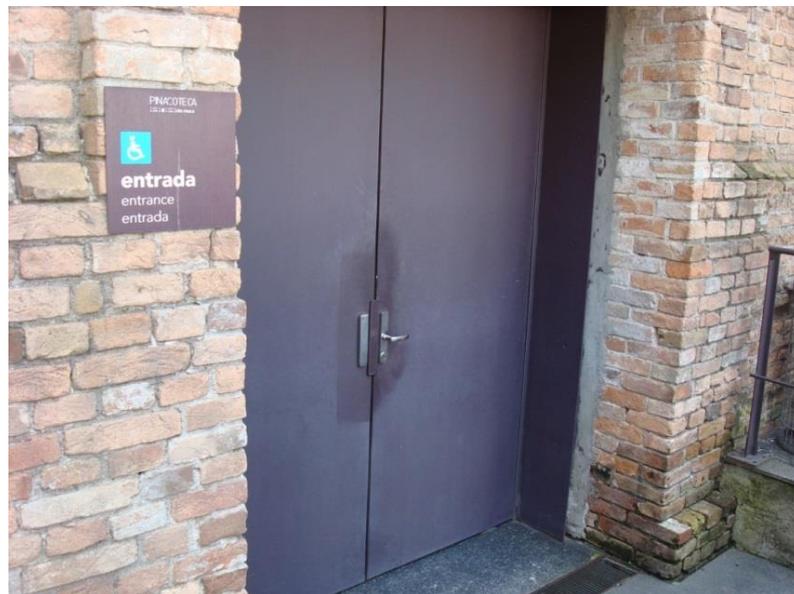


Figura 16: Acesso para as pessoas com cadeira de rodas
Foto: CATELLI, 2013.

Como garantido pela Lei de Acessibilidade, a Pinacoteca possui vagas reservadas para pessoas com deficiência em seu estacionamento (figura17).



Figura 17: Vagas reservadas para pessoas com deficiência no estacionamento
Foto: CATELLI, 2013

De acordo com as informações do site, em 2002, a Pinacoteca implantou o Núcleo de Ação Educativa com o objetivo de potencializar a fruição e a compreensão das obras a públicos cada vez mais amplos, desenvolvendo ações educativas a partir das obras do acervo, promovendo a qualidade da experiência do público no contato com as obras e garantindo ampla acessibilidade, fazendo com que as pessoas que não são habitualmente frequentadoras comecem a visitar o museu.

Um dos programas desenvolvidos pelo Núcleo de Ação Educativa é o Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE). O programa busca promover o acesso de grupos de pessoas com deficiência sensorial, física ou mental à Pinacoteca por meio de uma série de abordagens e recursos multissensoriais. A visita é realizada por educadores especializados, inclusive em LIBRAS. Para público com deficiência visual há a Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras. O PEPE realiza cursos de formação para profissionais interessados em usar a arte e o patrimônio como recursos inclusivos e desenvolve publicações para o público surdo e cego.

A Pinacoteca disponibiliza um audioguia para ser utilizado na exposição da Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras (figura 18).

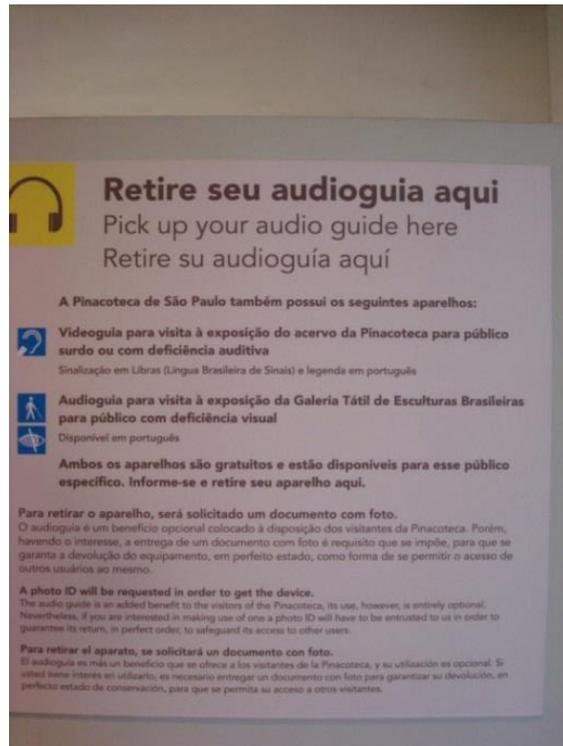


Figura 18: Audioguia.
Foto: CATELLI, 2013



Figura 19: Divisão das exposições da Pinacoteca
Foto: CATELLI, 2013.

Em alguns pontos há um “carrinho” onde há a adaptações de importantes obras. O carrinho (figura 20) é utilizado para as visitas das pessoas com deficiência, que podem ser previamente agendadas e são acompanhadas por um educador.



Figura 20: “Carrinho” com adaptação das obras
Foto: CATELLI, 2013.

A Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras é um espaço do museu onde há esculturas produzidas por artistas nacionais e o toque pelas pessoas com deficiência visual é permitido. No começo da exposição, há um mapa tátil (figura 21 e 22) com a localização das esculturas. Nesse espaço também há piso tátil e o audioguia pode ser utilizado.



Figura 21: Explicação e mapa tátil da Galeria Tátil de esculturas brasileiras
Fonte: CATELLI, 2013



Figura 22: Mapa tátil da Galeria Tátil
Fonte: CATELLI, 2013

Há uma homenagem à Dorina de Gouvêa Nowill, que é referência na causa das pessoas com deficiência visual e na luta da inclusão social. Ficou cega aos 17 anos e criou, com a participação de outros normalistas, a Fundação para o livro do Cego no Brasil, iniciando suas atividades em 1946. Em 1991, passou a se chamar Fundação Dorina Nowill para cegos.



Figura 23: Homenagem a Dorina de Gouvêa Nowill
Foto: CATELLI, 2013

As esculturas estão dispostas em um octógono e podem ser tocadas apenas por pessoas com deficiência visual. Elas, através de um audioguia, vão até o piso tátil e através dele são guiadas até a escultura. Cada uma contém uma faixa no audioguia, que orienta o toque e conta a história sobre a obra. Por exemplo, na escultura Leda, de Lelio Coluccini (figura 24), a história da mitologia da grega é contada para que a pessoa possa entender a obra.



Figura 24: Escultura tátil em bronze Leda de Lelio Coluccini
Foto: CATELLI, 2013

Em cada escultura há uma placa com letras impressas e braile indicando a faixa do audioguia, o autor, o nome da escultura e sua dimensão e informações adicionais, se a obra foi doada ou adquirida e o ano em que isso aconteceu.



Figura 25: Escultura Tátil em bronze: Gazela de Eugênio Pratti
Foto: CATELLI, 2013

Durante a visita que ocorreu no dia 11 de julho de 2013, havia uma excursão com crianças do Ensino Fundamental acompanhadas por um professor. A pesquisadora notou que elas não mostraram nenhum interesse na Galeria Tátil, provavelmente pelo fato de não poder tocar nas esculturas.

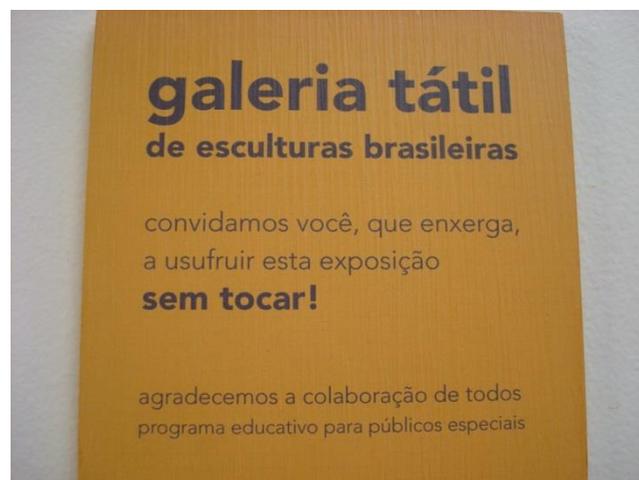


Figura 26: Placa de informação aos visitantes
Foto: CATELLI, 2013

Nos casos de obras de arte, o toque é prejudicial porque pode acelerar o processo de deterioração das obras. Porém, permitir que apenas as pessoas com deficiência visual toquem nas obras cria apenas a integração entre as pessoas com e sem deficiência e dessa forma, a verdadeira inclusão não acontece.

3.3 MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO (MAM)

O MAM localiza-se no Parque do Ibirapuera em um conjunto arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer em 1954. Tem por objetivo a conversação e divulgação da arte moderna e contemporânea, organização de exposições e de atividades culturais e educativas.

O museu foi contatado via e-mail e houve a resposta de uma educadora, que se disponibilizou para marcar uma reunião no dia 11 de julho de 2013. Além da educadora, a reunião contou com a presença de um educador surdo e a assistente de acessibilidade do museu. Durante a reunião, onde houve anotações no caderno de campo, a equipe do MAM apresentou o Programa Igual Diferente que através de cursos gratuitos de diversas modalidades artísticas, convidam o público a fazer e pensar a arte em um ambiente criativo e acessível a todos, independente de suas condições físicas, sociais ou psíquicas.

Foi explicado pelos educadores que o museu disponibiliza audioguias para pessoas com deficiência visual e há o Jardim de Esculturas do lado de fora do museu para as pessoas tocarem. Para as pessoas com deficiência auditiva, o museu disponibiliza visitas mediadas em LIBRAS, videoguias gratuitos, formação continuada de educadores surdos, narração de histórias em português e libras. O MAM conta com espetáculos literários e musicais com interpretação em libras, cursos acessíveis em diversas modalidades artísticas.



Figura 27: Mapa tátil do catálogo do MAM
Foto: CATELLI, 2013



Figura 28: Exposição Metamorfoses de Maria Martins
Foto: CATELLI, 2013

Destaca-se no MAM, além da sua acessibilidade física e iniciativas para pessoas com deficiências sensoriais, a realização de eventos para esse público. Os eventos são uma forma de socialização e de convivência entre as pessoas com e sem deficiência.

3.4 MUSEU AFRO BRASIL

O Museu Afro Brasil é um museu histórico, artístico e etnológico sobre o universo cultural do negro no Brasil. Também fica localizado no Parque do Ibirapuera, no pavilhão projetado por Oscar Niemeyer.

Não houve resposta do contato via e-mail, porém na chegada ao museu houve a possibilidade de conhecer um dos responsáveis do programa de acessibilidade do museu, intitulado Singular Plural.

Segundo as informações do site¹⁶, o Museu Afro Brasil oferece acessibilidade para visitantes com deficiência e todas as áreas públicas do Museu podem ser acessadas por pessoas em cadeira de rodas. Até que a instalação do elevador seja aprovada pelas instâncias legais dos órgãos de preservação do patrimônio do Governo do Estado de São Paulo, o visitante poderá acessar os pisos superiores pela rampa principal ou pelo elevador da área técnica.

De acordo com o funcionário, o museu é diferenciado porque trata de um assunto polêmico: a exclusão social, realidade vivida pelos afrodescendentes e também pelas pessoas com deficiência.

O museu dispõe de um educador surdo através de agendamento e para as pessoas com deficiência visual é disponibilizado um audiolivro e os educadores realizam audiodescrição com agendamento. Também há maquetes táteis, objetos e pinturas adaptadas em relevo.

Na entrada do museu há uma maquete tátil do Parque de Ibirapuera para que a pessoa com deficiência visual tenha consciência de seu entorno.



Figura 29: Maquete tátil de uma parte do Parque do Ibirapuera
Foto: CATELLI, 2013

Algumas obras do museu possuem adaptação em material tridimensional em resina, em amarelo e preto (contraste para pessoas com baixa-visão) e a representação de algo presente na obra (figura 30).

¹⁶ Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/>>. Acesso em 11 jul. 2014



Figura 30: Obra “Socando café” de Alípio Dutra e suas adaptações
Foto: CATELLI, 2013

Em todo o museu há instrumento em que a pessoa com deficiência visual pode tocar. Na figura 31, está o exemplo de alguns instrumentos musicais e uma boneca. Se solicitado, as visitas das pessoas com deficiência são acompanhadas por um educador para as devidas explicações.



Figura 31: Materiais que podem ser tocados pelas pessoas com deficiência visual
Foto: CATELLI, 2013

A figura 32 traz alguns objetos e máscaras que podem ser tocadas e usadas pelas pessoas com deficiência visual.



Figura 32: Esculturas e máscaras permitidas ao toque pelas pessoas com deficiência visual
Foto: CATELLI, 2013

A adaptação de algumas obras é feita da forma ilustrada na figura 33. A textura de cada peça se aproxima do real, para que a pessoa compreenda de forma ampla a situação retratada.



Figura 33: Adaptação tátil de uma pintura
Foto: CATELLI, 2013

O Museu Afro Brasil possui acessibilidade em seu espaço físico e diversas adaptações para pessoas com deficiência visual e visita guiada para pessoas com deficiência auditiva.

O museu se mostra preparado para receber visitantes com diferentes tipos de deficiência, entretanto, assim como nos outros museus, apenas uma pequena parcela das obras está adaptada para os demais sentidos e isso faz com que as pessoas não consigam usufruir do espaço em sua totalidade.

3.5 MUSEU DO FUTEBOL

O Museu do Futebol, sediado no Estádio do Pacaembu e inaugurado em 2008, foi o primeiro museu da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo planejado desde a sua concepção para ser acessível, pensando no atendimento a diferentes públicos.

De acordo com seu site¹⁷, o Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol (PAMF) tem como objetivo proporcionar aos diferentes tipos de público a inclusão e o acesso no âmbito social, sensorial, físico e intelectual, além de um serviço de qualidade para o maior número de pessoas possível. Para isso, conta com recursos físicos, tecnológicos e humanos que possibilitam e instigam uma maior integração do visitante com o acervo.

O PAMF desenvolve continuamente ferramentas como o audioguia para cegos e o catálogo de acessibilidade em braile. São realizados projetos educativos como parte do Programa Deficiente Residente.

O Programa Deficiente Residente é uma experiência pioneira do museu e consiste em uma residência planejada de pessoas com deficiência. Segundo a coordenadora do Núcleo de Ação Educativa do Museu do Futebol, que guiou a pesquisadora durante a visita técnica pelo museu, a cada ano são contratadas duas pessoas com diferentes níveis de deficiência. No primeiro ano, foram escolhidas duas pessoas com deficiência visual. Uma era cega, mas com elevado grau de independência e a outra também cega, porém com algumas limitações de orientação e mobilidade.

Durante o tempo de residência e convivência com a equipe, são revistas práticas, materiais e atitudes. Essa prática parte do princípio que para que o museu seja acessível é preciso pensar em projetos “com” e não “para” a pessoa com deficiência. Um exemplo dessa ação é a alteração de alguns totens de informação que possuíam texto em braile na posição vertical, que dificulta a leitura pelos cegos porque nessa posição há um comprometimento da circulação sanguínea das mãos (figura 34). Foram colocados novos totens com o texto em braile na horizontal em uma posição facilitadora para a leitura (figura 35).

¹⁷ Disponível em: <<http://museudofutebol.org.br/>>. Acesso em 09 jul. 2014



Figura 34: Antigo totem
Foto: CATELLI, 2013

Todos os totens estão escritos em português, inglês, espanhol e braile para incluir turistas de diversas nacionalidades que visitam o museu e as pessoas com deficiência visual.



Figura 35: Totem após correções
Foto: CATELLI, 2013.

É disponibilizado um audioguia para permitir que as pessoas com deficiência visual realizem uma visita autônoma ao espaço expositivo do museu. Este contém informações sobre o trajeto, descrição de salas, exploração do conteúdo desenvolvido e metáforas poéticas que aproximam o visitante das construções visuais. Além disso, o Catálogo de Acessibilidade apresenta páginas em tinta (letra ampliada) e em braile, com imagens em relevo e textura e uma versão em áudio.

O museu conta com um elevador (figura 36) que dá acesso ao segundo andar. A coordenadora do museu ressaltou que esse elevador pode ser usado por todas as pessoas, sem distinção.

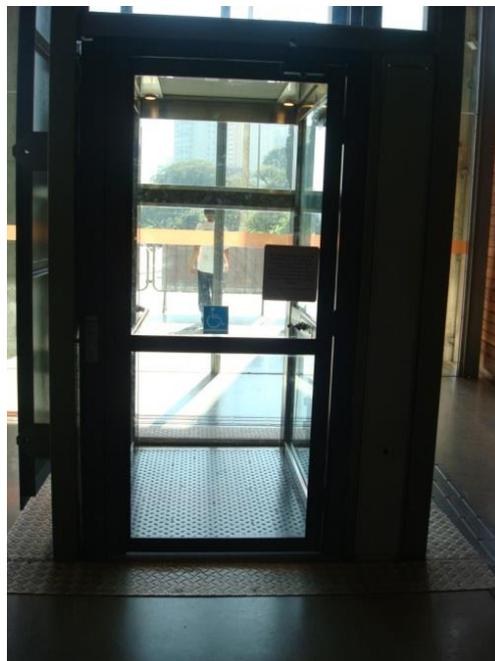


Figura 36: Elevador que dá acesso ao segundo andar do Museu
Foto: CATELLI, 2013

O museu possui diversos materiais adaptados para pessoas com deficiência visual. Entre estes materiais estão maquetes (figura 37), bolas utilizadas em diferentes Copas do Mundo (figura 38), adaptações de jogadas em resina (figura 39).



Figura 37: Maquete tátil do Estádio do Pacaembu e entorno
Foto: CATELLI, 2013



Figura 38: Exemplos de materiais táteis
Foto: CATELLI, 2013



Figura 39: Adaptações de jogadas em resina
Foto: CATELLI, 2013

Em uma sala do museu há estruturas com diversões telões de cada ano que o Brasil ganhou a Copa do Mundo (1958, 1962, 1970, 1994, 2002). Cada estrutura, além trazer informações relacionados aos jogos, destaca alguns acontecimentos importantes daquele ano. Na entrada da sala, há a estrutura tátil sem os telões (figura 40) e com os telões (figura 41) para que a pessoa com deficiência visual entenda como são essas estruturas.



Figura 40: Modelo da estrutura presentes em uma sala do Museu
Foto: CATELLI, 2013



Figura 41: Modelo da estrutura presentes em uma sala do Museu
Foto: CATELLI, 2013



Figura 42: Sala do Museu
Foto: CATELLI, 2013

No Museu do Futebol os materiais também podem ser tocados pelas pessoas sem deficiência, promovendo a inclusão por possibilitar que as pessoas com e sem deficiência utilizem o mesmo material.

3.6 MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR)

No segundo semestre, aproveitando a ida à Niterói – RJ devido ao V Encontro Nacional de Hospitalidade e Turismo, a pesquisadora realizou uma visita técnica no MAR. Ele foi inaugurado em março de 2013 e tem como objetivo promover uma leitura transversal da história e arte do Rio de Janeiro.

Consta com um programa de acessibilidade que desenvolve pesquisas, ações de visitas, materiais específicos e práticas educativas para pessoas com deficiência. O programa é desenvolvido em parceria com órgãos públicos, escolas e instituições especializadas. O museu contém audioguias, maquetes táteis e seu prédio é fisicamente acessível.

As maquetes táteis ocupam um andar do museu. Três maquetes mostram a dinâmica da Baía de Guanabara e há maquetes do prédio do MAR. Segundo um segurança do museu, as maquetes só podem ser tocadas pelas pessoas com deficiência visual e há um vidro protegendo-as.

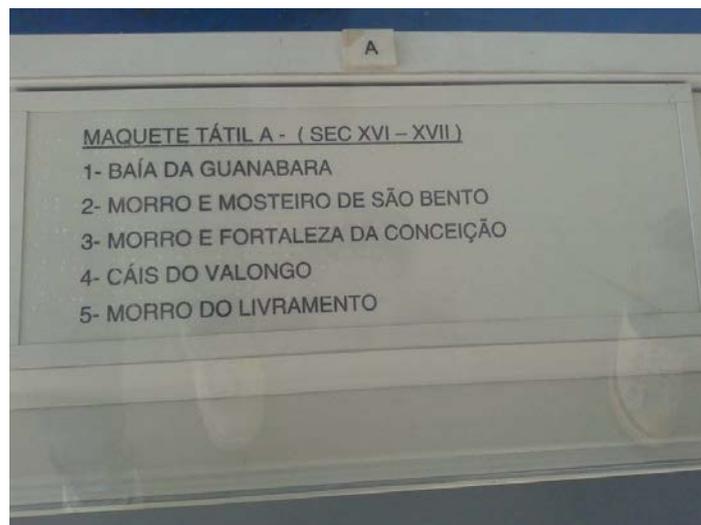


Figura 43: Maquete tátil sobre a Baía da Guanabara
Foto: CATELLI, 2013



Figura 44: Pessoas observando as maquetes táteis
Foto: CATELLI, 2013

A proibição do toque é justificável em museus, devido o desgaste sofrido pelo material e a falta de respeito de muitas pessoas. Entretanto, muitos videntes podem não demonstrar interesses por esses materiais porque foram feitos para pessoas com deficiência visual e isso faz com que a inclusão não ocorra de forma. É necessário buscar alternativas para incluir todas as pessoas, possibilitando a convivência entre elas.

Este capítulo tratou sobre as visitas técnicas realizadas em cinco museus da cidade de São Paulo e um na cidade do Rio de Janeiro. As visitas foram independentes ou guiadas e todas elas foram essenciais para conhecer ambientes que trabalham com a acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência de maneiras diferentes.

4. ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE TURISMO INCLUSIVO EM BARRA BONITA E IGARAÇU DO TIETÊ

O quarto capítulo trata sobre o turismo nas Estâncias Turísticas de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê. Foi realizado um trabalho de campo nos principais atrativos turísticos da cidade para verificar se há acessibilidade nesses locais. Em março de 2014 houve a aplicação de materiais táteis durante um passeio de barco com as pessoas com deficiência.

As estâncias turísticas surgiram no Brasil no século passado, acompanhando uma tendência europeia de culto ao corpo e à saúde, desenvolvendo-se a partir da Primeira Guerra Mundial, estimulando a elite a procurar atrativos locais. O próprio termo “estância” está fortemente associado à situação daquela época, como indicativo de um local de permanência, parada, pouso ou estação com o propósito de desfrutar dos recursos naturais, especialmente a água e o clima para o restabelecimento da saúde.

Barra Bonita e Igaraçu do Tietê são duas estâncias turísticas do estado e estão localizadas no centro-oeste paulista, recebendo em torno de 15 a 20 mil turistas/mês. Porém, ainda não são cidades preparadas para receber turistas com deficiência. Não há dados sobre a quantidade de turistas com deficiência que visitam as cidades.

Segundo a curadora do Museu Histórico Municipal de Barra Bonita, eles visitam as cidades e continuam encontrando os mesmos obstáculos, o que torna a viagem em algo frustrante.

As pessoas com deficiência vêm, desde os anos 80, conquistando os seus direitos no Brasil. Em 1981, foi proclamado o Ano da Pessoa com Deficiência pela ONU, com o objetivo de chamar a atenção para a elaboração de planos de ações, dando ênfase na igualdade de oportunidades, reabilitação e prevenção de deficiências. A partir daí, os governantes começaram a dar mais atenção para as necessidades dessas pessoas. Entretanto, apesar de todas as conquistas realizadas, principalmente no mercado de trabalho e na educação, alguns aspectos da vida de uma pessoa com deficiência são deixados de lado, como o lazer e turismo.

É válido destacar que o número de turistas com deficiência está crescendo. Eles preferem viajar para lugares adaptados para não encontrar obstáculos e frustrações durante a viagem.

A proposta inicial do trabalho era analisar como a Cartografia Tátil pode contribuir com que a pessoa com deficiência visual entenda melhor o espaço turístico que está situada. Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que este trabalho de conclusão de curso poderia e deveria ir além, analisando a acessibilidade nos espaços turísticos e entendendo melhor as motivações e dificuldades das pessoas com deficiência.

Assim, serão destacados alguns aspectos da experiência turística nas cidades, com destaque para o Museu, a sinalização e os principais atrativos turísticos para verificar se eles estão preparados para receber os turistas e munícipes com deficiência.

O Museu Histórico Municipal da Estância Turística de Barra Bonita conta com dois pavimentos. Para ir ao pavimento superior, o único acesso se dá através de uma escada. Segundo a curadora, pessoas com diferentes tipos de deficiência visitam o museu e encontram diversas dificuldades para usufruir de seu espaço.



Figura 45: Placa para acesso ao piso superior
Foto: CATELLI, 2012



Figura 46: Único acesso ao piso superior, onde também se encontra parte do acervo do museu
Foto: CATELLI, 2012

O acesso principal ao museu (figura 47) se dá através de três escadas e não há rampa. Isso dificulta a visita de pessoa com cadeira de rodas ou mobilidade reduzida. No acesso secundário (figura 48) também há um pequeno degrau e por isso a pessoa não consegue entrar no museu com autonomia.



Figura 47: Acesso principal do museu
Foto: CATELLI, 2012



Figura 48: Acesso secundário ao museu
Foto: CATELLI, 2012

Há uma guia rebaixada na calçada próxima ao museu (figura 49), entretanto ela é seguida de escadas e não há nenhuma rampa próxima.



Figura 49: Acesso ao museu.
Foto: CATELLI, 2012

Para chegar ao acesso de algumas embarcações localizadas próximas a principal avenida de Barra Bonita, a calçada se encontra com irregularidades (figura 50) que podem dificultar o trajeto de pessoas com cadeira de rodas, muletas ou guias.



Figura 50: Calçada com irregularidades
Foto: CATELLI, 2012

Já o acesso às embarcações (figura 51), que havia sido reformado encontra-se com o piso liso e sem muitas irregularidades, facilitando parte do trajeto. O acesso a uma embarcação (figura 52) possui dois corrimões.



Figura 51: Acesso às embarcações que realizam o passeio pelo rio Tietê.
Foto: CATELLI, 2012



Figura 52: Acesso a uma embarcação.
Foto: CATELLI, 2012

Barra Bonita investiu nas sinalizações dos atrativos turísticos (figura 53), que estão de acordo com os padrões internacionais e do Ministério do Turismo. Entretanto, é válido ressaltar que não há nenhuma informação para pessoas com deficiência visual ou auditiva.



Figura 53: Placa de sinalização de atrativo turístico.
Foto: CATELLI, 2012

Já em Igarapu do Tietê, a vista da barragem e eclusa (figura 54) está mal conservada e não é acessível. Além disso, não há nenhuma placa informando sobre o atrativo, que pode passar despercebido pelos turistas.



Figura 54: Vista da barragem e eclusa localizada na cidade de Igarçu do Tietê.
Foto: CATELLI, 2012

Refletindo sobre o acesso dos locais com maior fluxo turístico nas cidades, foi proposto para esse trabalho a construção de materiais táteis que pudessem ser usados pelas pessoas com deficiência visual a fim de fazer com que elas compreendessem melhor a cidade e seus pontos turísticos. Para isso, quatro pessoas com deficiência visual foram convidadas (três cegas e uma baixa-visão). Uma pessoa que usa cadeira de rodas também foi convidada devido à importância de analisar a acessibilidade física do barco.

Os materiais táteis foram construídos pelos princípios da Cartografia Tátil ao longo de 2014 e também foram utilizados materiais construídos anteriormente. Foram utilizados na aplicação: um desenho da visão lateral da Ponte Campo Salles construída em alumínio; um desenho de um arco da ponte em cola tridimensional. A localização das cidades no Estado de São Paulo e o Rio Tietê; os principais atrativos turísticos das cidades e uma rosa dos ventos foram feitos em colagem. Além disso, foi utilizado uma rosa dos ventos e um mapa das regiões brasileiras em Thermoform, elaborada no Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro.

De acordo com Sena (2008), a Cartografia Tátil é uma área da Cartografia que nos dá base para pensar em uma comunicação eficiente, para que assim as pessoas com deficiência visual possam usufruir com melhor qualidade dos espaços turísticos. Ela foi sistematizada no Brasil em 1993, com a defesa da tese de doutorado de Regina Araújo Almeida (Vasconcellos), no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Desde então, seu uso vem aumentando nas escolas e institutos especializados.

Podemos defini-la como “[...] a ciência e a arte de transpor uma informação visual de tal maneira que o resultado seja um documento que possa ser utilizado por pessoas com deficiência visual” (CARMO, 2009, p. 46-47).

O mapa localizando o Rio Tietê e as duas cidades no Estado de São Paulo (figura 55) e o mapa dos atrativos turísticos (figura 56) foram construídos com diferentes texturas e cores contrastantes. Os materiais utilizados foram encontrados em lojas das próprias cidades.



Figura 55: Localização das cidades e do Rio Tietê no Estado de São Paulo
Foto: CATELLI, 2014



Figura 56: Principais pontos turísticos das cidades
Foto: CATELLI, 2014

A representação da Ponte Campo Salles (figura 57) foi feita em alumínio e em cola tridimensional. O alumínio utilizado amassa muito facilmente, prejudicando a leitura das

peessoas cegas e com baixa visão. Também foram utilizados materiais produzidos no Instituto Benjamin Constant (IBC) (figura 58).



Figura 57: Representação da Ponte Campo Salles
Foto: CATELLI, 2014



Figura 58: Materiais produzidos no IBC utilizados na aplicação
Foto: CATELLI, 2014

A aplicação aconteceu no dia 30 de março de 2014, em Barra Bonita e foi realizada durante o passeio do Barco Xumbury e contou com a presença de quatro pessoas com

deficiência visual, uma pessoa com cadeira de rodas que estava com uma acompanhante e um jornalista do Jornal ET 205 de Barra Bonita. O passeio teve início às 9 horas com término às 13 horas.

O dono da empresa, Comandante Ferreira, afirmou que só havia recebido uma pessoa com deficiência visual no barco e que ela estava acompanhada. Ele argumentou que as normas de segurança do Instituto de Metrologia, qualidade e tecnologia (INMETRO) para embarcações são conflitantes com as normas de acessibilidade existentes, prejudicando a adaptação do barco. Por isso, a pessoa de cadeira de rodas precisou de ajuda de uma pessoa da tripulação para entrar na embarcação (figura 59).



Figura 59: Entrada na embarcação
Foto: OLIVEIRA, 2014

No início do passeio, as pessoas tiveram a oportunidade de conversar com o Comandante Ferreira (figura 60), que explicou coisas sobre o passeio, a embarcação e as adaptações que ele está fazendo para receber melhor e atrair turistas com deficiência. As pessoas com deficiência visual fizeram o reconhecimento da embarcação (figura 61).



Figura 60: Ivan e Comandante Ferreira conversando sobre a acessibilidade da embarcação
Foto: OLIVEIRA, 2014



Figura 61: Reconhecimento da embarcação
Foto: OLIVEIRA, 2014

Para atender as necessidades da pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada durante o passeio, com o roteiro previamente elaborado. A entrevista buscou abranger diversos aspectos da vida dessas pessoas com deficiência que são residentes das duas cidades.

Todos já haviam feito o passeio, mas não conheciam essa embarcação. Ivan tem 39 anos e sofreu um acidente de moto com 32 anos que o deixou sem o movimento das pernas. As pessoas com deficiência visual que participaram da aplicação foram: Eduardo, 19 anos, cego com deficiência adquirida; Tiago, 23 anos, cego com deficiência adquirida há 10 anos e possui memória visual; Lara, 19 anos, possui 13,5 graus de miopia há cinco anos e Fábio, 29 anos, cego há 14 anos e possui memória visual.

Ivan e sua esposa foram conhecer a embarcação enquanto as pessoas com deficiência visual fizeram o reconhecimento da embarcação e posteriormente houve a aplicação dos mapas táteis.

Houve a explicação sobre a pesquisa e todos ressaltaram sua importância, pois poucas iniciativas são feitas para as pessoas com deficiência nas cidades. Eles nunca haviam entrado em contato com mapas táteis antes e ficaram empolgados por saber que os materiais se referiam ao que eles ouvem no dia-a-dia.

Inicialmente, seria trabalhada uma sequência de mapas, começando por uma escala pequena. Entretanto, eles se mostraram ansiosos para tocar os mapas e por isso eles utilizaram diferentes materiais ao mesmo tempo.

Os meninos gostaram de todos os materiais, independente da técnica utilizada. Eles não tinham o conhecimento de que o Rio Tietê cruzava o Estado de São Paulo e se demonstraram surpresos com o comprimento dele.

O braille dos materiais foi feito pelo Eduardo com uma reglete, que é um instrumento simples e acessível utilizado para escrever em braille, muito utilizado pelos cegos. O título da “Ponte Campo Salles” estava colado de ponta cabeça e eles alertaram a pesquisadora sobre isso. Também disseram que o material em alumínio não havia o corte no canto direito, fazendo com que eles dependessem de alguém para posicionar o material da forma correta.

Iara não gostou dos materiais feitos com o plástico no Thermoform devido ao brilho que eles possuem. Ela afirmou que o contraste de cor nos materiais e as letras estavam adequados para sua leitura.



Figura 62: Aplicação dos materiais táteis
Foto: OLIVEIRA, 2014

Fábio disse que a música no navio estava muito alta, prejudicando a percepção da pessoa com deficiência visual através da audição. Foi pedido para um funcionário que

abaixasse o volume da música para a realização das entrevistas e para que as pessoas ouvissem o barulho do ambiente.

Depois da aplicação dos materiais, houve a entrevista abordou assuntos relacionados a acessibilidade e inclusão. Fábio disse que as duas cidades ainda estão despreparadas para atender as pessoas com deficiência da própria cidade e receber turistas com deficiência, comentando que a acessibilidade no transporte público da cidade é bem precário comparado às cidades próximas como Jaú e Bauru. Estas possuem aparelhos receptores e transmissores para as pessoas com deficiência visual, fazendo com que elas saibam o lugar certo para desembarcar.

Eduardo e Ivan salientaram que houve um grande melhora em diversos aspectos de 5 anos para cá, afirmando que a lei no Brasil é avançada, mas a falta de fiscalização que faz com que a lei não seja aplicada em sua totalidade. Eduardo comentou que muitas ruas e calçadas encontram-se em mal estado, prejudicando a circulação de pessoas com deficiência visual.

Os materiais táteis foram bem recebidos, Tiago disse que houve um melhor entendimento desses espaços e que seria interessante um mapa de orientação dentro navio, pois assim eles teriam mais independência de circulação na embarcação.

Fábio comentou sobre os restaurantes da cidade, pois nenhum possui cardápio em braille, letras ampliadas e acessíveis fisicamente, portanto precisam de ajuda dos funcionários e/ou acompanhantes para circular no local ou ler o cardápio, perdendo sua autonomia. Ivan afirmou que deixam de frequentar determinados lugares devido à falta de acessibilidade e as dificuldades que eles sabem que vão enfrentar. Entretanto, se souberem que há acessibilidade em determinado lugar, dariam preferência para o mesmo. A qualidade na prestação de serviços também se mostra fundamental para a satisfação desse público.



Figura 63: Entrevista com as pessoas com deficiência
Foto: OLIVEIRA, 2014

As pessoas com deficiência elogiaram as atitudes do Comandante Ferreira por se preocupar com a inclusão e tentar conciliar as normas de acessibilidade com as normas para embarcações do INMETRO.



Figura 64: Conversa junto com o Comandante Ferreira
Foto: OLIVEIRA, 2014

Durante a aplicação dos materiais táteis e as entrevistas no passeio foi possível conhecer mais sobre a realidade das pessoas com deficiência das cidades. Elas não haviam entrado em contato com materiais táteis anteriormente e todas ressaltaram a importância de se conhecer aspectos relacionados ao turismo através desses materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Duque e Mendes (2006), a Cartografia e o turismo provavelmente caminham juntos desde 3000 a.C., pois o Egito já era um destino turístico, devido às pirâmides e outros monumentos. Os mapas eram usados como instrumento de orientação e localização desses viajantes.

Nos dias atuais, os mapas estão cada vez mais presentes na vida das pessoas devido à difusão das tecnologias. Em uma sociedade onde a informação deve ser transmitida de maneira rápida, o mapa se torna atrativo, pois chama a atenção. Hoje a internet está presente na maioria dos lugares e vários *softwares* com mapas já foram desenvolvidos para serem usados nos computadores e nos aparelhos móveis.

O uso do sistema braile e o piso tátil ainda são as principais formas utilizadas para tornar o ambiente “acessível” para uma pessoa com deficiência visual. No Brasil, o uso das representações gráficas táteis ainda está muito concentrado nas escolas. Alguns locais, principalmente os com maior fluxo de visitação de turistas e municípios nas grandes cidades, possuem mapas, maquetes e representações gráficas táteis de boa qualidade que podem ser utilizados pelas pessoas com deficiência visual.

Mas quando encontramos mapas ou maquetes em lugares públicos para servir como ajuda na orientação e mobilidade da pessoa com deficiência visual em pequenas cidades, eles são confusos ou encontram-se deteriorados, pois também foram feitos por pessoas sem um conhecimento adequado em Geografia e Cartografia.

A pessoa com deficiência visual pode se beneficiar com esses mapas temáticos desde que eles estejam adequados a sua necessidade. Dessa forma, além de prestarem serviços de orientação e acessibilidade aos destinos e pontos turísticos, eles podem auxiliar na projeção de imagens relacionadas ao lugar, aguçando a sua curiosidade e estimulando a pessoa a viajar e conhecer novos lugares.

Com as leituras e pesquisas realizadas, percebeu-se que para fazer um material adequado às pessoas com deficiência, era necessário um estudo mais aprofundado sobre suas necessidades e vontades, além de um estudo sobre a acessibilidade nas cidades.

Através das metodologias adotadas, pode-se perceber que os materiais táteis atraem a atenção de pessoas com e sem deficiência, pois muitas vezes chama mais atenção do que um mapa comum. A maioria das representações utilizadas durante a aplicação foi construída com materiais encontrados em armários das cidades e mesmo assim as pessoas com deficiência nunca haviam entrado em contato com mapas táteis.

O objetivo geral do trabalho, que é analisar as contribuições das representações gráficas táteis no turismo, foi alcançado de forma satisfatória. Elas podem colaborar para que os turistas e municípios com deficiência conheçam melhor os atrativos turísticos da

cidade, entendam melhor o espaço geográfico que estão inseridos e se sintam estimulados para conhecer lugares preparados para receber as pessoas com deficiência. Além disso, é uma forma de possibilitar a educação através do turismo.

Os objetivos específicos também foram alcançados. Através de entrevistas, as necessidades específicas do turista com deficiência foram compreendidas e os trabalhos de campo realizados em São Paulo, Rio de Janeiro e nas cidades onde se dá o estudo foram essenciais para conhecer diferentes realidades. O contato com o poder público local será mantido com o término da pesquisa.

Apesar de a lei ser considerada avançada no país, as políticas públicas relacionadas à acessibilidade e inclusão são ineficientes. As duas cidades envolvidas no estudo não demonstraram grande preocupação com a questão, especialmente em relação ao turismo inclusivo.

Na Estância Turística de Igarapu do Tietê, não há Secretaria de Turismo. Apesar das tentativas de conversa com o prefeito, não houve interesse na pesquisa. Já em Barra Bonita, o diálogo com o secretário de turismo e o prefeito foi iniciado no início de 2013, mas foi se perdendo com o tempo. Na metade de 2013, houve a primeira reunião do Conselho Municipal das Pessoas com Deficiência em Barra Bonita e devido a um atraso dos papéis e desorganização do antigo secretário social, a segunda reunião aconteceu apenas em maio de 2014, fazendo com que os membros do conselho se desanimassem, pois muitas iniciativas já poderiam ter sido feitas, melhorando a qualidade de vida nas cidades.

As visitas técnicas realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro ajudaram a conhecer novas realidades, pois os lugares visitados possuem programas de inclusão distintos. O contato com a gestão municipal de Barra Bonita e a divulgação da pesquisa em diferentes mídias (jornal, rádio e internet) possibilitou que mais pessoas conhecessem o trabalho, alertando sobre a falta de acessibilidade nas cidades.

Para que as políticas públicas ocorram de maneira eficiente, é necessário que as decisões sejam feitas “com” as pessoas com deficiência e não “para” elas. A inclusão se mostra necessária para a efetiva participação da pessoa com deficiência na sociedade, mas ainda nos dias atuais, alguns aspectos políticos, técnicos e sociais impedem que isso ocorra.

O crescimento da economia brasileira está proporcionando a oportunidade para que mais brasileiros consigam realizar o sonho de viajar e conhecer novos lugares. Se bem planejado, o turismo ajuda no desenvolvimento local, tanto econômico como socialmente. O turismo inclusivo faz com que a convivência entre turistas com deficiência e munícipes ocorra, trazendo benefícios para ambos os públicos.

As pessoas com deficiência sofrem com a discriminação e o preconceito desde os primórdios das civilizações. Historicamente, ocorreram vários movimentos de luta pelos seus

direitos nos diversos âmbitos da sociedade, exigindo participação ativa nas ações realizadas para pessoas com deficiência. Nesse processo, as pessoas com deficiência compreenderam que o lazer e o turismo não é apenas um privilégio, mas também um direito. Entretanto, as cidades e os estabelecimentos turísticos não estão preparados para receber esse público, devido a problemas técnicos provocados muitas vezes pela falta de ações públicas. Logo, os turistas com deficiência escolherão viajar para as cidades que estão mais adaptadas às suas necessidades específicas. No caso do Estado de São Paulo, elas provavelmente optarão por São Paulo, Socorro e Brotas, destinos considerados acessíveis.

A inclusão da pessoa com deficiência é um processo longo que ainda caminha a passos lentos no país, apesar da realização de grandes eventos como a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Muitas conquistas já foram realizadas, mas ainda há muito para ser feito. Este trabalho buscou mostrar que através de algumas iniciativas, o turismo para pessoas com deficiência pode ser estimulado e se tornar um diferencial turístico para as cidades, beneficiando todas as pessoas. Através da colaboração entre o poder público, poder privado, institutos especializados, organizações não governamentais e universidade, políticas públicas de qualidade podem ser elaboradas para que as pessoas com deficiência usufruam com mais independência, autonomia e dignidade dos espaços, contribuindo para que a inclusão social aconteça genuinamente.

REFERÊNCIAS

- ABNT. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Associação Brasileira de Normas Técnicas. 2004.
- AGUIRRE, Rafael S.; GRÜNEWALD, Luis; PÂNTANO, Liliana; SANTO, Silvia D. e SIMON, Maria Fernanda G. **Recreação e turismo para todos**. 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- ALLIS, Thiago. **Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- ALMEIDA, Regina Araújo de. **Roteiros turísticos para pessoas com necessidades especiais**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- ALMEIDA, Regina Araújo. **A cartografia tátil no ensino de Geografia: teoria e prática**. In: ALMEIDA, Rosângela Doin. *Cartografia Escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BEZZI, M. L.; MARAFON, G. **Manual didático sobre a evolução do pensamento geográfico**. Santa Maria. UFSM, CCNE, Curso de Geografia, 1992.
- BRASIL. Ministério do turismo. **Crescimento continuado no turismo**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20110926-4.html> Acesso em 01/10/2013.
- BRASIL. **Turismo e acessibilidade: manual de orientações**. Ministério do Turismo, 2006.
- CAMISÃO, Verônica. Turismo e Acessibilidade. IN: BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo social: diálogos do turismo uma viagem de inclusão**. Brasília: 2006. P. 320-348
- CARMO, W. R.. **Cartografia tátil escolar: experiências com a Construção de materiais didáticos e com a Formação continuada de professores**. 2009. Dissertação (Mestrado em geografia). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. SP.
- COSTA, Carlos R. R. da. **Turismo e produção do espaço: uma contribuição ao estudo da Geografia do Turismo**. 200?. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2010_1/1.%20Turismo%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o.pdf Acesso em 03/10/2013.
- COSTA, G. R. V., LIMA, N. M. de e MAIOR, I. M. M. de L. **Acessibilidade no Brasil: uma visão histórica**. 2005.
- CRUZ, Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz. **Socorro Acessível**. Disponível em: <http://www.cepam.sp.gov.br/arquivos/artigos/RelatorioSocorro2.pdf> Acesso em 02/10/2013
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.
- CUSTÓDIO, Vagner. **Caminhada de pessoas com deficiência visual em áreas naturais: um estudo com o auxílio do GPS (sistema de posicionamento global)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DECRETO nº 5296 de 02 de dezembro de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 02/10/2012

DUQUE, Renato Câmara e MENDES, Catarina Lutero. **O planejamento turístico e Cartografia**. 1. ed. Campinas: Alínea, 2006.

FIORI, Sérgio Ricardo. **Mapas para o turismo e interatividade**: proposta teórica e prática. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

FONSECA FILHO, Ari da Silva Educação e turismo: um estudo sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

GIRALDI COCCO, Rodrigo. **Interações espaciais e sistemas de transporte público**: uma abordagem para Bauru, Marília e Presidente Prudente. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

KASTRUP, Virginia. MORAES, Márcia [org.]. **Exercícios de ver e não ver**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

OMT (Organização Mundial do Turismo). **Código Mundial de Ética do Turismo**. Santiago do Chile, 1999. Disponível em: www.uff.br/entretre/index_files/codigo_de_etica_mundial.doc Último acesso em: 26/02/2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** In: portal.mj.gov.br/.../Como%20chamar%20as%20pessoas%20que%20têm%20deficiência.doc Último acesso em: 15/12/2010

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. In: http://200.238.92.118/uploads/zEEORSTek4xJeWR9XnLw/9H3ICd6NYXHKTBY7N9MdK/terminologia1pra_imprensa.pdf Último acesso em: 14/12/2010.

SENA, Carla Cristina Reinaldo Gimenes. **Cartografia tátil no ensino de Geografia: uma proposta metodológica de desenvolvimento e associação de recursos didáticos adaptados a pessoa com deficiência visual**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VASCONCELLOS, Regina Araújo Almeida. **A cartografia tátil e o deficiente visual**: uma avaliação das etapas de produção e uso do mapa. Tese de doutorado. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 1993.

VENTORINI, Sílvia Elena. **A experiência como fator determinante na representação espacial da pessoa com deficiência visual**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2009.